



Bordado Castelo Branco

**Caderno de Especificações para a
Certificação do Bordado de Castelo Branco**

Revisão e atualização – 2021

3ª edição

**Ana Pires
Graça Ramos**

**PORTUGAL
à mã** 

Centro de Estudos e Promoção das Artes e Ofícios Portugueses

INDICE

Introdução

1. Nome que identifique o produto e respetivo logótipo (marca de indicação geográfica)
2. Referenciais histórico-geográficos que contextualizem a ocorrência e a continuidade da produção
3. Delimitação geográfica da área de produção
4. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas
 - 4.1. O linho
 - 4.2. A seda
5. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamentos auxiliares
 - 5.1. O desenho
 - 5.2. Equipamentos e utensílios
 - 5.2.1 Bastidor
 - 5.2.2 Tear de franjas
 - 5.2.3 Utensílios
6. Identificação das principais características físicas dos produtos
 - 6.1. Cor
 - 6.2. Pontos de bordar
 - 6.3. Gramática decorativa
 - 6.3.1. Elementos estruturais das Colchas de Castelo Branco
 - 6.3.1.1 Padrões
 - 6.3.1.2 Centros
 - 6.3.1.3 Cantos
 - 6.3.1.4 Motivos
 - 6.3.2. Motivos recorrentes no bordado de Castelo Branco



6.3.2.1. Motivos florais e vegetalistas

- Árvores
- Flores
- Bolas, pinhas e frutos
- Enrolamentos, folhas, gavinhas e meandros

6.3.2.2. Motivos figurativos

- Aves e outros animais
- Figuras humanas

6.3.2.3. Outros motivos

- Albarradas e vasos
- Cartelas e bandeirolas

6.4. Tipologias das peças bordadas tradicionalmente

6.4.1 Colchas

6.4.2 Painéis

7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

7.1. Peças

7.1.1 Colchas

7.1.2 Painéis e fragmentos

7.1.3. Outras peças

7.2. Suportes

7.3. Motivos

7.4. Cor

Conclusão

Bibliografia

Introdução

No ano de 2007 (Outubro) foi elaborado pela Adraces juntamente com o Município de Castelo Branco, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior e o Instituto Politécnico de Castelo Branco, a primeira versão do caderno de especificações para a certificação do bordado de Castelo Branco, documento normativo que iria regular a implementação do sistema de certificação desta produção artesanal tradicional. Em Março de 2017 o Município de Castelo Branco procedeu a uma supressão do último capítulo do documento designado de Regulamento de Certificação, capítulo este que não deveria constar do caderno de especificações.

Em consequência, a Câmara Municipal de Castelo Branco, entidade promotora de certificação do Bordado de Castelo Branco, apresentou ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, em 19 de Abril de 2017, o pedido de Registo da Indicação Geográfica “Bordado de Castelo Branco”, o que veio a acontecer com a publicação do registo da “IG – Indicação Geográfica nº 505 - Bordado de Castelo Branco”, no Boletim da Propriedade Industrial de 28 de Dezembro de 2018.

Durante três anos esse registo serviu de instrumento regulador na concretização e desenvolvimento do processo de certificação pelo Organismo de Certificação. Passado esse tempo, em sede de reunião da Comissão de Acompanhamento do processo de certificação, (órgão que funciona sob a égide do Organismo de Certificação com representantes da entidade promotora – Câmara Municipal de Castelo Branco, da ADRACES, do CEARTE/IEFP, da Associação Portugal à Mão e dos representantes de produtores), foi entendido que o referido documento carecia de revisão no sentido de melhor se adaptar à realidade da produção atual do Bordado de Castelo Branco, contemplando situações omissas e corrigindo outras que a prática e o conhecimento mais apurado da situação no terreno têm vindo a exigir.

Assim, e no sentido de responder a esta necessidade de adequação do documento a uma realidade complexa e problemática e hoje mais conhecida e melhor apercebida, apresenta-se a revisão do Caderno de Especificações para a certificação do Bordado de Castelo Branco, sendo certo que, com a presente atualização, o mesmo irá passar a cumprir a sua função de forma mais eficaz e eficiente, contemplando a identificação e caracterização rigorosas desta produção artesanal, com referência aos respetivos parâmetros de qualidade e genuinidade e na consideração daquilo que o tempo de experiência do processo de certificação já revelou.

1. Nome ou denominação de venda do produto

O Bordado de Castelo Branco é um produto artesanal único, com uma imagem forte e singular facilmente identificável no conjunto dos bordados portugueses. Trata-se, no essencial, de um bordado rico, a fio de seda, onde predomina o chamado ponto de Castelo Branco (ponto largo ou, como antigamente era conhecido, bordado a frouxo) e sublinhado por uma gramática decorativa muito característica.

Refletindo essa imagem emblemática, o logótipo desenvolvido inicialmente e a denominação de venda do produto mantêm-se, como a seguir se demonstra.



Bordado
Castelo
Branco

2. Referenciais histórico-geográficos que contextualizem a ocorrência e a continuidade da produção

As Colchas de Castelo Branco ocorrem com uma singular abundância por toda a Beira Baixa mas só são apercebidas como um conjunto único e precioso, no final do século XIX, aquando da visita do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia à cidade.

Com efeito, a propósito da inauguração da Linha da Beira Baixa em Setembro de 1891, a cidade de Castelo Branco não só engalanou festivamente varandas e janelas, como, para acomodar Suas Majestades, o Palácio onde então funcionava a Junta de Província, foi todo mobilado e decorado com o que de melhor a cidade podia oferecer. É assim que largas dezenas de colchas surgem em conjunto, utilizadas quer no exterior dos edifícios quer no interior do Palácio a revestir paredes e a emoldurar portas e janelas, formando um conjunto riquíssimo e inusitado que capta a atenção da Rainha “(...) que se mostrou muito satisfeita quando se lhe disse que aquelles trabalhos representavam uma (antiga) indústria de Castello Branco”, conforme se pode ler num jornal da época.

António Roxo, que presenciou e relatou a admiração da rainha, é quem pela primeira vez utiliza a expressão “Colchas de Castelo Branco”, num artigo publicado a 25 de Outubro de 1891, pois o olhar da Rainha, a sua “especial atenção” pelas colchas, permitiram-lhe ter uma outra percepção, um outro entendimento sobre aquele conjunto de peças, que tantos naquela região possuíam e que, de tão comuns, a ninguém ocorria o quanto eram únicas e extraordinárias.

Todavia, foi só em Junho de 1929, na 6ª sessão do IV Congresso Beirão, que as colchas e o seu bordado entraram na agenda da cidade de Castelo Branco. Nessa sessão, Maria Júlia Antunes apresentou a comunicação, “Rendas e Bordados da Beira”, dedicando um terço da sua exposição aos bordados “genericamente chamados a frouxo”, como então se designava o bordado das Colchas de Castelo Branco. Pela primeira vez surge um texto em que se descrevem as cores, os pontos usados e a organização dos vários tipos de desenho das Colchas de Castelo Branco. No final, Júlia Antunes apela enfaticamente à protecção das “indústrias populares” e à importância do seu relançamento.



Bordado
Castelo
Branco

Passados uns meses, em Outubro, com a intenção de escrever um artigo mais desenvolvido sobre as Colchas de Castelo Branco, o que, infelizmente, não veio a acontecer, Júlia Antunes volta à cidade onde observa cerca de 30 colchas. Nessa visita é acompanhada por Manuel Paiva Pessoa, ex-director do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o qual, sobre este encontro e o trabalho então desenvolvido, publica de seguida um texto no jornal Terra da Beira, levando a muitas mais pessoas as teses de Maria Júlia Antunes, as quais ele próprio retoma e subscreve.

No essencial, considerava-se então que as colchas de desenho mais fruste, sem barra definida onde cravos abertos constituem o essencial dos motivos decorativos seriam as mais antigas, feitas no seio das “classes populares”. Estas colchas “plebeias” teriam captado a atenção das senhoras dos solares que as teriam enriquecido com um desenho mais cuidado e com maior variedade de motivos, pelo que as colchas “patrícias ou solarengas” seriam, não só mais sumptuosas e cuidadas, mas também mais recentes. E se Júlia Antunes, sobre as colchas, sublinha tratar-se de “uma notável indústria, hoje dolorosamente extinta e que teve por berço a cidade albicastrense”, Pessoa termina escrevendo “É, pois, ocasião de pensarmos a sério na restauração desta indústria”.

À época, o bordado a seda frouxa sobre linho, continuava, todavia, a fazer-se, integrando os currícula que os colégios da cidade proporcionavam às meninas, cuja condição social lhes permitia frequentá-los. Como escreve Paiva Pessoa: “Nos Colegios Nacional e 1º de Dezembro, desta cidade, têm-se bordado muitas colchas destas e outras senhoras também as bordam”.

No entanto, a fazer fé no que escreve a exigente professora de labores que foi Júlia Antunes, trata-se de um bordado de fraca qualidade, feito num contexto doméstico ou de aprendizagem: “forçoso é confessá-lo a técnica das colchas primitivas, tem sido deturpada, nos seus essenciais elementos característicos, (...) e, se não se acode com um estudo bem orientado ao que do antigo ainda se conhece, (...) corre-se o perigo de vermos totalmente perdida ou desfigurada uma arte de acentuada beleza”. Paiva Pessoa acrescenta ainda: “Nada de futurismos extravagantes. É necessário que as colchas tenham a feição das antigas. De toda a conveniência seria também que a seda, empregando-se a nacional, fosse tinta pelos antigos processos de tinturaria portuguesa, com tintas vegetais inalteráveis”.

De facto, conscientes quanto aos possíveis problemas que se colocam no relançamento que advogam para o bordado, ambos se preocupam ainda com o desenho, com o modo como a seda é tingida, com a escolha das cores a utilizar e o com próprio “método” de bordar.

Esta situação continua durante os dez anos seguintes, mas, é durante este tempo que se estabelece, em definitivo, o prestígio e protagonismo cultural de Eurico Sales Viana. Em 1936 havia integrado o júri provincial que selecionou as aldeias candidatas a Aldeia mais Portuguesa de Portugal (o concurso do Secretariado da Propaganda Nacional, dirigido por António Ferro) e, com a vitória nacional de Monsanto (concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco), da qual é um dos principais obreiros, o seu peso político sai reforçado, de tal forma que, juntamente com o etnógrafo Luís Chaves, é quem prepara, durante 1939-1940, a parte da Exposição do Mundo Português (realizada em Lisboa em 1940), dedicada à “etnografia da metrópole”.

Nessa finalidade, Sales Viana, acompanhado por Luís Chaves, percorre, durante o mês de Julho de 1939, a Beira Baixa vendo e apreciando mais de uma centena de colchas, não sendo de estranhar que, logo a 5 de Agosto, publique, no semanário “A Beira Baixa”(nº 121), o texto “As Colchas de Noivado”, um artigo com tal sucesso que logo é feita uma separata para garantir uma maior divulgação.

Nesse texto, as Colchas de Castelo Branco são entendidas como “colchas de noivado” e, tanto Sales Viana, como Luís Chaves coincidem num mesmo discurso sobre as colchas, fortemente condicionado pelos valores ideológicos que ambos partilham.

As colchas, escrevem, correspondem a peças únicas que raparigas solteiras, virgens, bordam sobre o linho, que elas próprias fiaram e teceram e com a seda que as mesmas produziram, com a finalidade de servirem uma só vez, no dia dos respetivos esposais, após o que seriam guardadas. Ambos insistem na importância do simbolismo dos motivos que decoram as colchas em que “romãs, pinhas e cachos entoam hinos à União da Família;”, “(os) lírios se manifestam alegremente numa apoteose à Virgindade”, ou “(os) galos estilizados aludem à virtude fálica da Virilidade”, exemplos evidentes quanto à natureza ideológica deste discurso, o qual traduz uma específica visão da família que o regime de então defendia e promovia.

É também em 1940 que o Presidente da Junta Provincial, Pe. Ribeiro Cardoso, preocupado com a situação económica, funda uma Escola de Bordados da Província da Beira Baixa, vendo no relançamento da produção de colchas bordadas uma hipótese de criar emprego. Com a supervisão artística de Sales Viana e com Deolinda Riscado como mestra de bordado, a Escola começa a funcionar. No entanto, Ribeiro Cardoso logo se apercebe da dificuldade na obtenção de seda natural necessária ao Bordado de

Castelo Branco, agora que a II Grande Guerra grassa por quase toda a Europa, pelo que promove uma grande campanha de plantação de amoreiras como um meio de obviar a falta da seda. A campanha arranca, mas o ciclone de Fevereiro de 1941 destrói, não só as jovens plantações como muitas das amoreiras já existentes, pelo que a Escola acaba pouco depois, em Agosto.

Entretanto, no contexto das Comemorações dos Centenários (1140 e 1640), realizam-se, por todo o país, exposições enaltecendo as produções mais icónicas de cada região, pelo que, em Castelo Branco, em 1941, acontece uma extraordinária exposição de colchas, quase cem, que mobilizam a atenção das elites locais, de tal forma que, no ano seguinte algumas dessas colchas são expostas em Lisboa, por iniciativa do Secretariado de Propaganda Nacional, e que a revista Panorama, divulga a um público alargado.

Em 1945 surge mais um artigo na revista Panorama, enquanto M^a José Mendonça, com a colaboração de M^a. Clementina Carneiro de Moura publica, no mesmo ano, no Catálogo da 5^a Exposição Temporária do MNAA, o artigo “Colchas Bordadas dos séculos XVII e XVIII”, onde se apresentam exemplares das Colchas de Castelo Branco.

Em cinco anos o reconhecimento das Colchas de Castelo Branco tinha extravasado a esfera local e regional. As Colchas e o seu Bordado eram agora conhecidos por uma elite desejosa de as obter. Assim, enquanto se sucediam artigos e exposições promovia-se, igualmente, a existência de oficinas produtoras que, satisfazendo a procura criada, permitissem a sua sustentabilidade.

Desde 1939 que, no Colégio de Nossa Senhora de Fátima, uma oficina de bordar patrocinada pela Mocidade Portuguesa Feminina (MPF) tentava dar resposta às solicitações do mercado. Todavia, a falta de seda e a dificuldade em escoar um produto caro levaram ao seu encerramento em 1945.

Somente no início dos anos 50 surge a Oficina Casa-Mãe a qual, fundada por Elísio José de Sousa, produz, divulga e vende, com sucesso, Colchas de Castelo Branco para um mercado que já não é só local, mas nacional e, até, internacional. A visão e perseverança de Elísio José de Sousa leva-o a dedicar-se à missão de produzir as Colchas de Castelo Branco para o que promove exposições em muitas cidades portuguesas, mas também em cidades como Londres, Paris, Milão, S. Paulo ou Luanda.

O prestígio da Casa-Mãe leva mesmo o Governo a encomendar ali as colchas que são oferecidas a personalidades de grande destaque em visitas oficiais ao nosso País, tais como a rainha Isabel II, a sua irmã, a Princesa Margarida, ou a mulher do Presidente da República do Brasil.

São estas duas oficinas, a do Centro nº 2 da Mocidade Portuguesa Feminina e a Casa-Mãe de Elísio José de Sousa, as responsáveis pela formação das mais distintas mestras de bordar que, ao longo dos anos, ensinaram centenas de raparigas as quais por sua vez passaram o seu saber a outras. Aquelas que faziam parte da oficina da MPF acabaram por, em 1976, integrarem o quadro de funcionários do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. A Casa-Mãe encerrou as suas portas em 1969 devido à morte do seu fundador. Mas o saber das suas bordadeiras frutificou nas muitas oficinas que, com maior ou menor dificuldade têm mantido até hoje a produção do Bordado de Castelo Branco.

Desde 2008, que um significativo grupo de colchas, até essa data consideradas **de** Castelo Branco, passaram a ser vistas como tendo sido produzidas em Lisboa. De facto, trata-se, não de colchas, mas de panos de armar, pois o seu comprimento é sempre superior a 280cm, algumas ultrapassando os 300cm. Além da dimensão, estas peças distinguem-se ainda pelo seu programa decorativo, com barra bem vincada e campo ocupado por um padrão repetitivo, em faixas, como num padrão de azulejo. Além do desenho denso e de grande perfeição, caracterizam-se estas peças pelo rigor do seu bordado e, em quase todas, aparece mesmo um ponto de bordar, de difícil execução (o ponto “galão de malha” a que as bordadeiras chamam “ponto recuperado”), que só foi utilizado em Portugal no final do século XVII, início do século XVIII o qual não aparece em mais nenhum outro país.

As colchas de cravos abertos, pelo seu desenho mais solto, quase descuidado, parecem mais compatíveis com a sua produção na zona de Castelo Branco.

Há ainda um terceiro grupo de colchas, caracterizadas pelo seu desenho cuidado, sem barra, centros com várias tipologias, que poderão ter sido, ou não, ali bordadas.

A definição destes três grupos corresponde ao que a comunidade científica actualmente considera relativamente à origem das Colchas de Castelo Branco.

Todavia, para o caso do Bordado de Castelo Branco estas distinções não colhem, uma vez que desde os meados do século XX, no processo de relançamento da produção, **todas** estas peças foram consideradas como modelos do bordado que, entretanto, foi sendo produzido. Resulta deste facto que a panóplia de



Bordado
Castelo
Branco

padrões e de motivos se alargou consideravelmente. Como o que se está a certificar é um bordado e não uma tipologia de peças, não parece sequer sensato, passado todo este tempo, querer reconduzir o bordado de Castelo Branco àquela matriz mais restrita, baseada unicamente nas peças que, com pouca ou nenhuma dúvida, são efectivamente consideradas terem sido bordadas na região polarizada por Castelo Branco.

Assim, passados mais de 80 anos sobre o reinício da produção oficial do Bordado de Castelo Branco, é então, possível uma outra crítica e distanciamento pelo que dever-se-á distinguir entre “Colchas de Castelo Branco” e “Bordado de Castelo Branco”. A primeira expressão cobre o conjunto de peças históricas, produzidas essencialmente no século XVIII (aquelas datadas do final do século XVII, não foram ali feitas, mas em Lisboa). Destas peças há a considerar a possibilidade de que, algumas, poderão não ter sido produzidas em Castelo Branco. No entanto, no estado atual dos nossos conhecimentos, tal não é possível de afirmar. Nem de infirmar.

O Bordado de Castelo Branco, atividade que desde há oitenta anos mobilizou na cidade e região, largas centenas de bordadeiras, corresponde assim a uma produção de bordado a seda natural sobre linho, feita segundo um conjunto eclético de modelos, trabalhados ainda de um modo muito solto, pois raramente se vêem cópias, mas sim reinterpretações dos modelos existentes, sendo frequentes as misturas de motivos das várias tipologias.

3. Delimitação geográfica da área de produção

Considera-se, para efeito de certificação, o Distrito de Castelo Branco como a área geográfica de produção do Bordado de Castelo Branco.

Tal delimitação fundamenta-se no facto da ocorrência de colchas históricas por todo este território, bem como pela existência, em vários dos seus municípios, de oficinas e de bordadeiras que asseguraram e continuam a assegurar a sua produção.

Assim, o bordado de Castelo Branco como bem cultural de valor patrimonial e identitário, vincula-se a este território de origem/difusão, sendo que o bordado feito fora desta área geográfica não poderá ser identificado como Bordado de Castelo Branco nem ser alvo de processo de certificação utilizando esta IG – Indicação Geográfica.

4. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas

As matérias-primas utilizadas tradicionalmente na produção das Colchas de Castelo Branco são o linho e a seda natural, o linho constituindo o tecido de suporte e a seda, em fio, sendo usada para bordar.

Historicamente encontram-se algumas peças bordadas sobre seda, mas tal não constituiu a regra, sendo o linho o suporte de eleição.

Mais adiante, quando se apresentarem as “Condições de inovação no produto” este assunto será retomado.

4.1. O linho

O Bordado de Castelo Branco executa-se sobre tecido de linho (ou atualmente também meio linho).

Com efeito, o linho utilizado tradicionalmente era tecido manualmente, evidenciando uma textura muito fina, de tal qualidade que se confunde com algodão, tal a sua macieza e maleabilidade. Atualmente isto não acontece e o linho produzido artesanalmente pelas tecedeiras da região, apresenta uma textura demasiadamente rígida e áspera, que é de desaconselhar, pelo que se utilizam linhos e meios linhos produzidos industrialmente, cujas texturas ficam mais próximas daquelas que se encontram nas peças históricas.

Assim, e para efeitos de certificação, admitem-se o linho e o meio linho.

Todavia, outros suportes poderão ser considerados, como adiante se poderá constatar quando se referirem as condições de inovação do Bordado de Castelo Branco.

4.2. A seda

A especificidade do bordado de Castelo Branco reside em absoluto na utilização de fios de seda natural na sua execução. O fio de seda pode ser de produção nacional ou estrangeira e deve ser acompanhado de elementos que atestem a origem e qualidade da seda (o que deverá ser mostrado sempre que solicitado).

De salientar que as peças bordadas a viscose ou outras fibras sintéticas não são passíveis de certificação.



5. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamentos auxiliares

5.1. Desenho

No bordado de Castelo Branco verifica-se sempre a existência de um desenho subjacente. Nas colchas históricas, esse desenho foi feito por debuxadores, à pena e com tinta ferrogálica. Mais tarde, a partir de finais de século XIX e século XX, os desenhos, existentes em papel vegetal, foram (e são ainda) passados a papel químico.

Mais do que defender um específico processo da passagem do desenho para o tecido há que insistir na qualidade do desenho, condição necessária à boa execução do bordado, pelo que, desde já se sublinha a urgente necessidade de se capacitarem as bordadeiras com desenhos de maior qualidade.

5.2. Equipamentos

5.2.1. Bastidor

O Bordado de Castelo Branco utiliza um bastidor horizontal (retangular ou quadrangular), de pé, estrutura composta por duas ripas de madeira perfuradas que encaixam noutras duas, nas quais se vai enrolar o tecido de linho. Estas ripas encaixam em dois pés que dão altura ao bastidor e o estabilizam. Na parte de cima dos dois pés existem cavilhas que permitem mudar a posição do trabalho.



Deve prestar-se especial atenção à montagem da tela de tecido no bastidor que deve ficar alinhada e bem esticada para que o desenho não fique distorcido.

5.2.2. Tear de franjas (manual ou mecânico)

Com exceção das Colchas, o remate das peças com franja não é obrigatório mas, quando existe, a franja pode ser feita, quer num tear manual, quer num tear mecânico.

De estrutura muito simples, o tear de franjas (manual) é composto por uma caixa com aproximadamente 10x30cm onde, no topo, se encaixa uma tábua com cerca de 28cm de altura, com orifícios equidistantes meio e, entre cada orifício, duas ranhuras. No outro extremo da caixa existe um pequeno órgão com manivela e um orifício que serve para introduzir a cavilha e trancar o mesmo.



O tear de franjas mecânico pode também ser usado e em nada compromete a qualidade e o resultado final da franja.



5.2.3. Utensílios

Os utensílios usados no bordado de Castelo Branco são a agulha, o dedal e a tesoura.



6. Identificação das principais características físicas dos produtos

6.1. Cor

A cor é determinante para a qualidade do bordado de Castelo Branco, no entanto, a paleta cromática das linhas de bordar é difícil de definir.

A questão é que as cores hoje visíveis nas peças antigas já sofreram um processo de desvanecimento e de alteração que as modifica, por vezes, significativamente. Está em curso um estudo sobre pigmentos que coram as linhas com que foi bordado um conjunto de colchas históricas selecionadas para o efeito, cujos resultados poderão ajudar a redefinir a paleta cromática original deste Bordado.

Com efeito, na operação de relançamento da produção de Bordado de Castelo Branco, ocorrida a partir de 1939, este cuidado e atenção não foram tidos em conta, pelo que se têm usado cores bastante diferentes das originais. Acresce ainda que, durante os anos 50 e 60 do século passado, que correspondem à grande produção da oficina de Elísio José de Sousa, houve uma certa adequação da produção às cores que então estavam na moda na decoração de interiores, que, por esse motivo, passaram a dominar o cromatismo do Bordado de Castelo Branco.

A tudo isto soma-se também o facto de que o fornecimento de linhas de seda não tem sido fácil, pelo que, muitas vezes, perante a sua escassez se bordou (e se borda) com as linhas que o mercado oferecia e não com aquelas que seriam mais adequadas, situação que ainda hoje, por vezes, se verifica.

Do que é possível adiantar, na ausência de resultados do estudo acima referido, recomenda-se, vivamente, a reintrodução de cores mais **metálicas e vibrantes**, tais como:

- Verde Windsor, Verde Bexiga e Verde Sapo
- Amarelo Ouro
- Ocre Ouro, Ocre cor de Cobre
- Branco Iridiscente (tonalidade metálica)
- Azul Cerúleo, Azul Cobalto
- Carmim, Violeta, Castanho de Garança, Rosa de Garança

A questão da paleta cromática será retomada quando se abordarem os parâmetros de inovação no Bordado de Castelo Branco.

6.2. Pontos de bordar

Na produção oficial de Bordado de Castelo Branco predomina o uso do Ponto de Castelo Branco, também conhecido por “ponto largo”, “bordado a frouxo” ou “ponto lançado com prisões”, aquele ponto que, maioritariamente, cobre grande parte dos motivos.

Um Caderno de Especificações não é um manual técnico, todavia há que referir o modo como as prisões que fazem parte do Ponto de Castelo Branco, devem ser executadas. Com efeito, sendo este um ponto que domina largamente o bordado e que lhe confere a sua tão específica identidade, há que acautelar a sua execução, sobretudo porque houve um tempo em que, por regra, essas prisões eram sempre feitas em paralelo com as direcções dos fios da trama ou da teia do tecido, conferindo ao bordado uma rigidez e um geometrismo que comprometiam (e continuam a comprometer) a sua graciosidade.

Assim, recomenda-se que as prisões se façam sempre tendo em linha de conta a orientação do desenho dos motivos e não a estrutura do tecido.

Recomenda-se ainda que, ao bordar o Ponto de Castelo Branco, não se use demasiada linha. Os fios nunca devem sobrepor-se.

Tradicionalmente outros pontos de bordar se associam ao Bordado de Castelo Branco, mas, após a campanha de relançamento ocorrida a partir de 1939, essa panóplia alargou-se, integrando muitos mais. O facto de, então, terem sido consideradas como modelos as riquíssimas colchas da Oficina de Lisboa, conduziu àquele alargamento, passando a ser utilizados, nas novas Colchas de Castelo Branco, os pontos de bordar que nelas figuravam.

O elenco completo dos pontos de bordar utilizados no Bordado de Castelo Branco é o seguinte (de acordo com a terminologia local):



1. Ponto de Castelo Branco
2. Meio ponto de galo
3. Ponto aranha
4. Ponto atrás
5. Ponto cheio
6. Ponto cheio a dez fios
7. Ponto cordoné
8. Ponto de asna
9. Ponto de barras cheio a duas cores ou Rede de barras
10. Ponto de cadeia
11. Ponto de cadeia composto ou misto
12. Ponto de espinha ou de espiga
13. Ponto de pesponto
14. Ponto de pena
15. Ponto dos nozinhos
16. Ponto embutido a duas cores
17. Ponto folha da fábrica
18. Ponto grilhão
19. Ponto margarida
20. Ponto matiz
21. Ponto pé-de-flor
22. Ponto pé-de-galo
23. Rede cruzada dupla
24. Rede cruzada simples
25. Rede cruzada pespontada
26. Rede das asas
27. Rede das estrelinhas duplas ou composta
28. Rede das estrelinhas simples
29. Rede das janelas
30. Rede das setas duplas

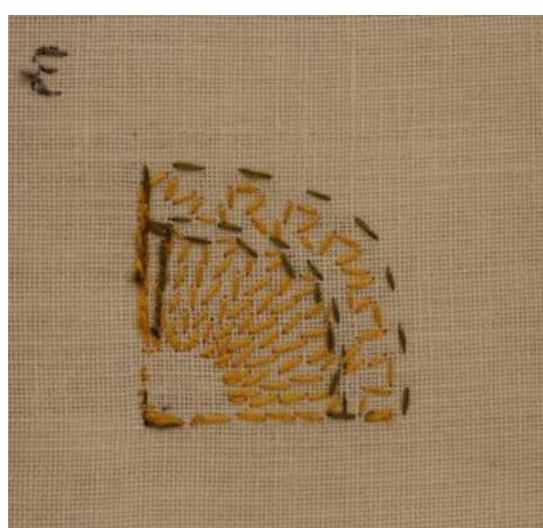
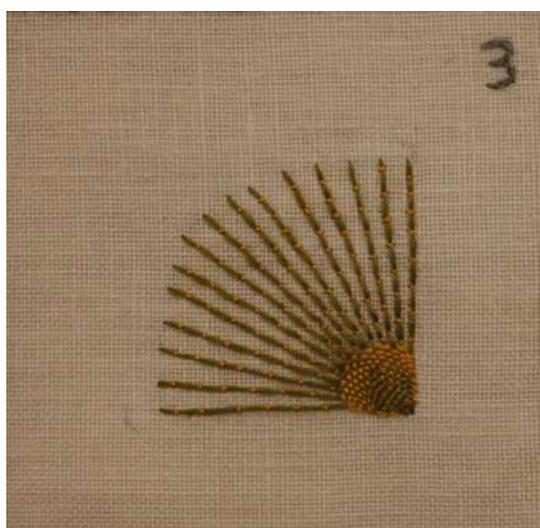
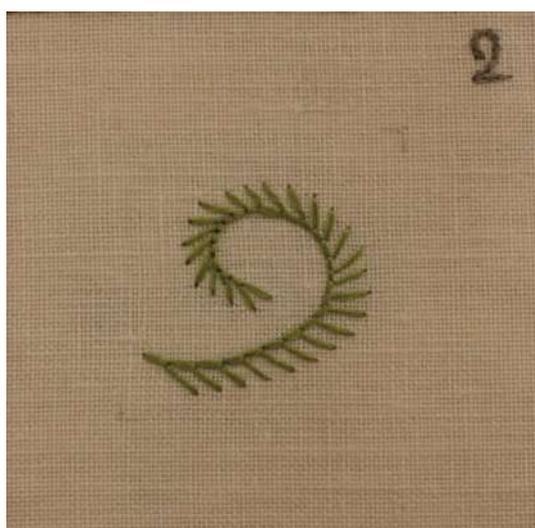
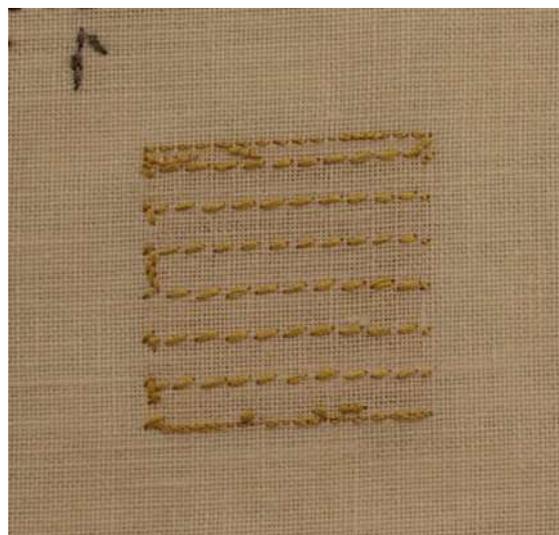


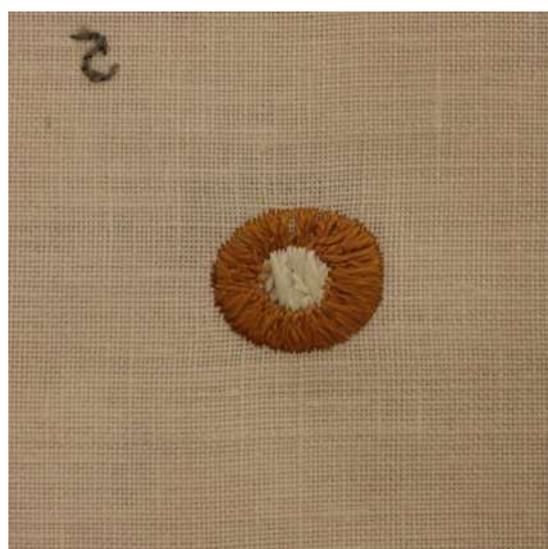
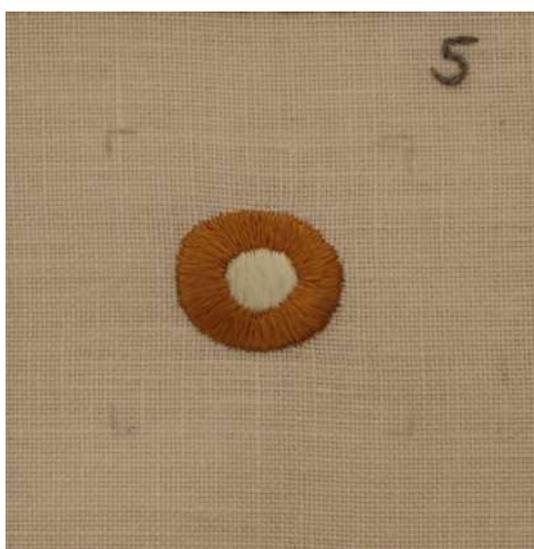
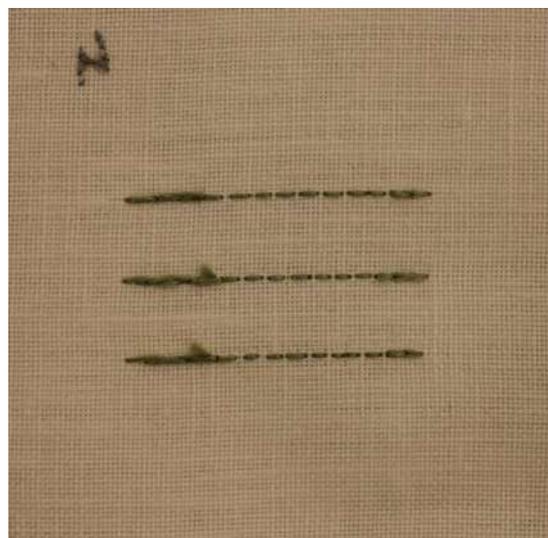
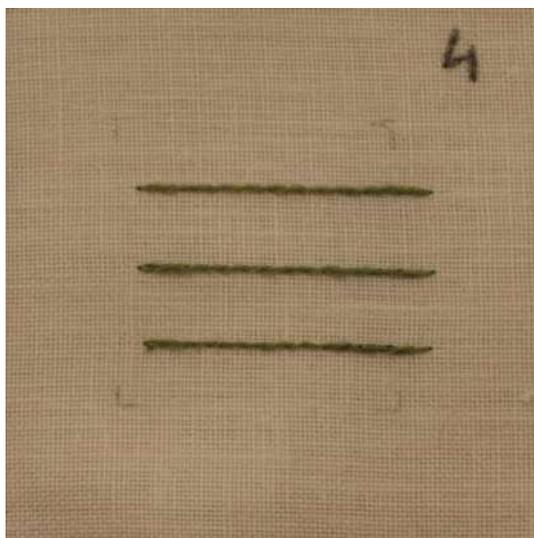
31. Rede das setas simples
32. Rede de dois pontinhos
33. Rede de um pontinho
34. Rede do arroz
35. Rede dos bicos ou cheio de bicos
36. Rede dos laços a dez fios
37. Rede dos laços
38. Ponto de Castelo Branco com prisões em bico
39. Rede dos losangos a duas cores
40. Rede dos losangos duplos
41. Rede dos losangos simples
42. Rede dos quadradinhos com cruz
43. Rede dos quatro pontinhos dupla
44. Rede dos quatro pontinhos intervalados com nozinhos
45. Rede dos quatro pontinhos simples
46. Rede dos triângulos juntos
47. Rede dos triângulos simples
48. Rede torcida

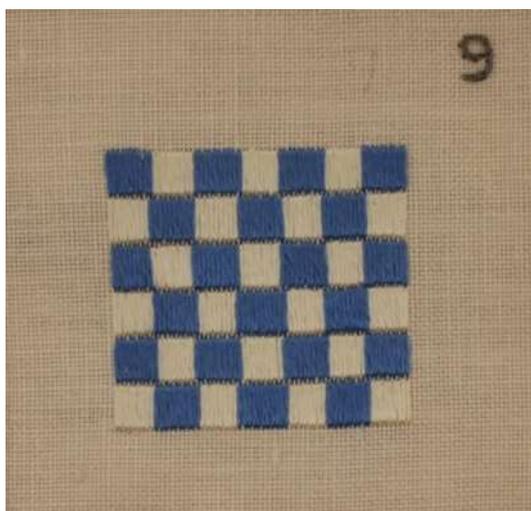
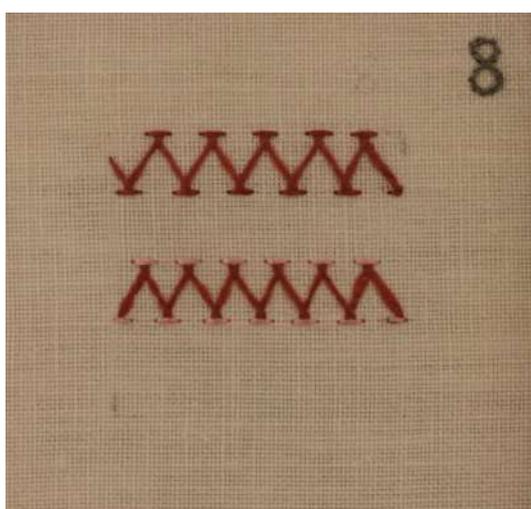
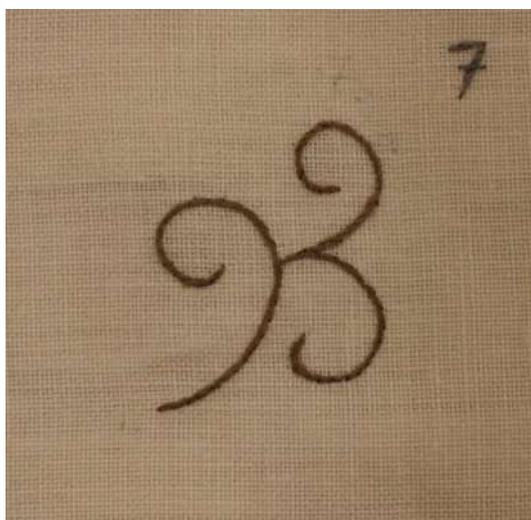


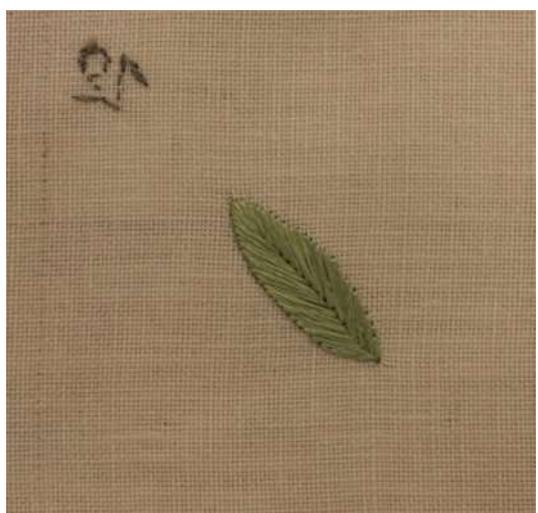
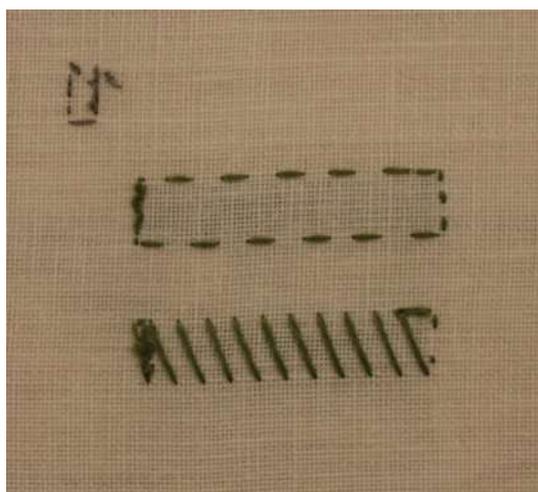
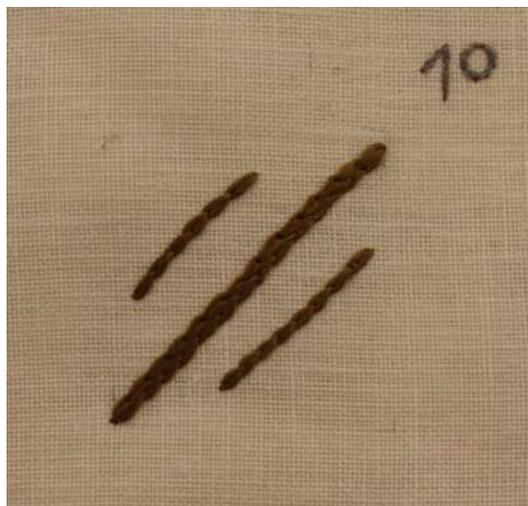
Bordado
Castelo
Branco

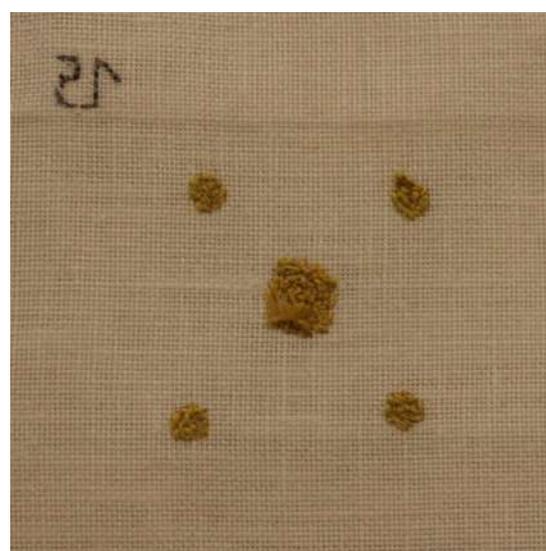
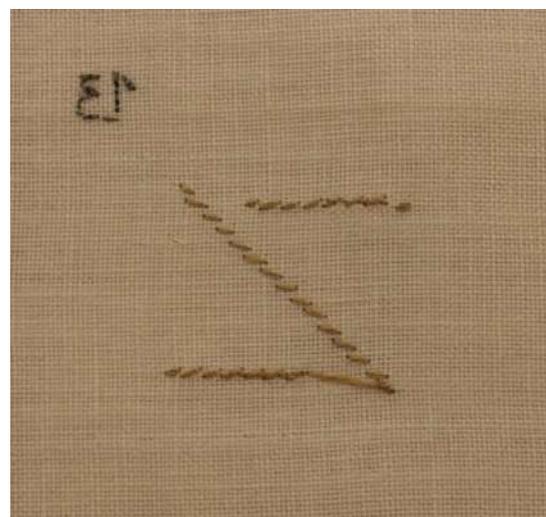
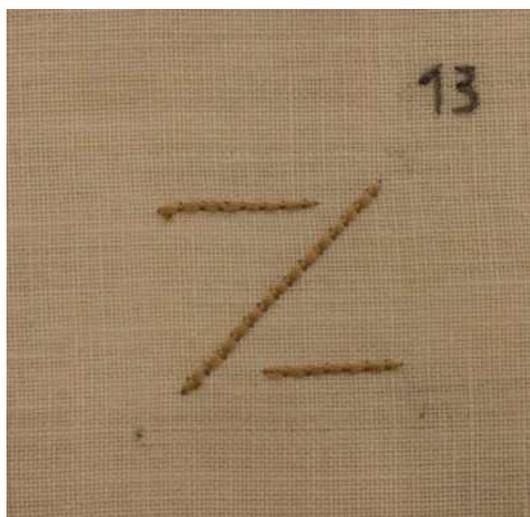


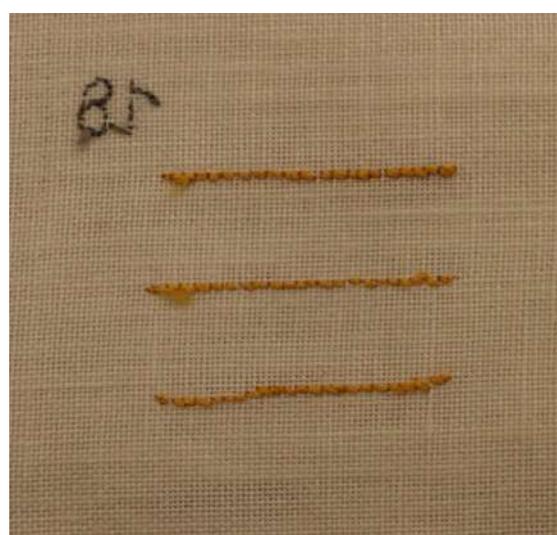






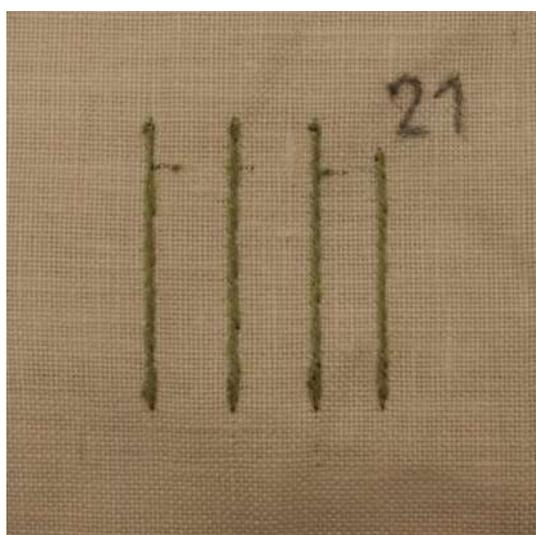
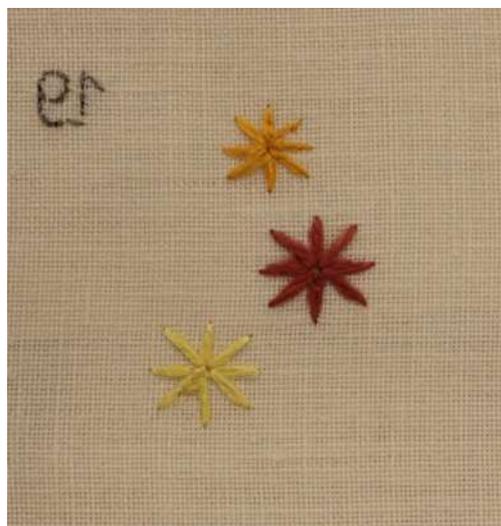


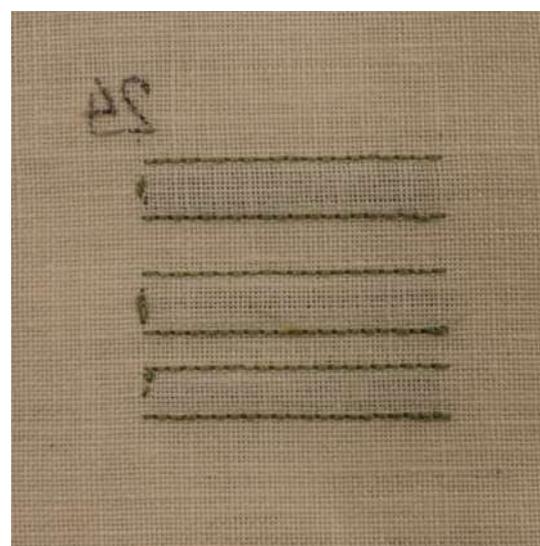
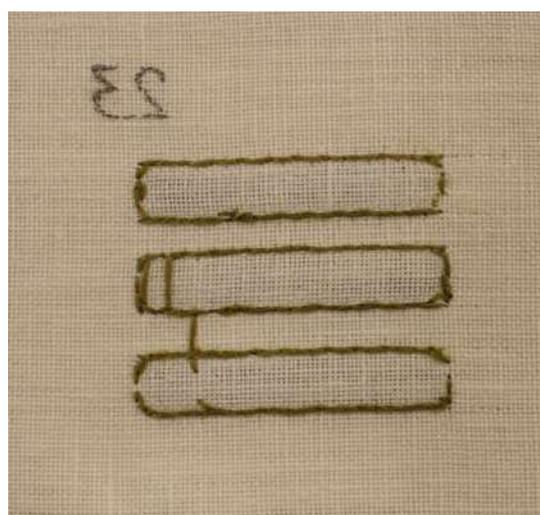
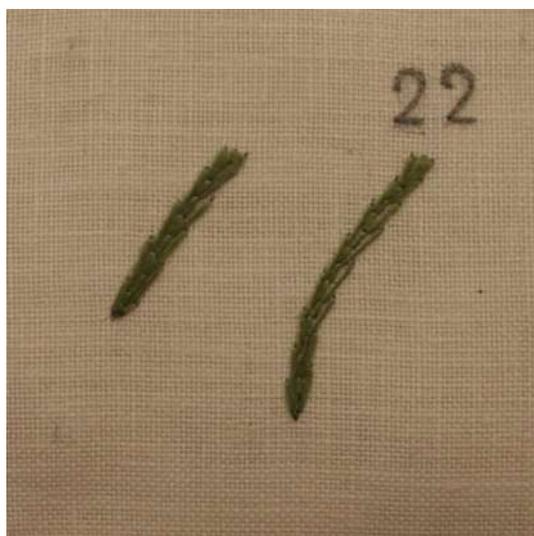


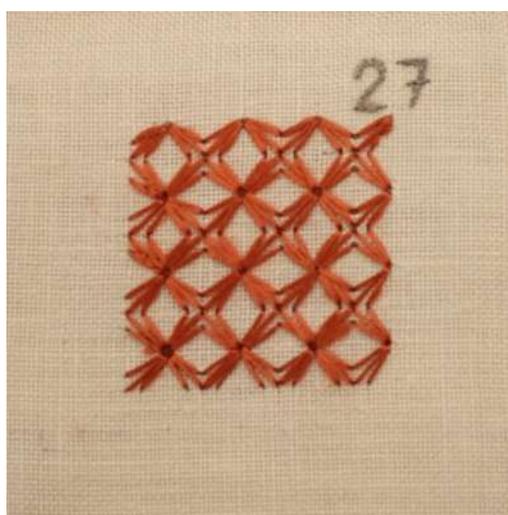


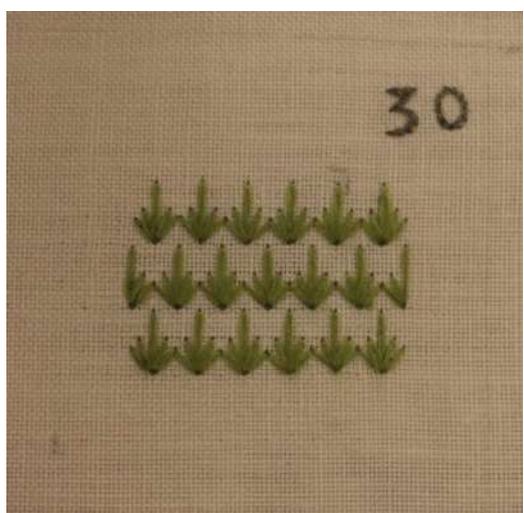
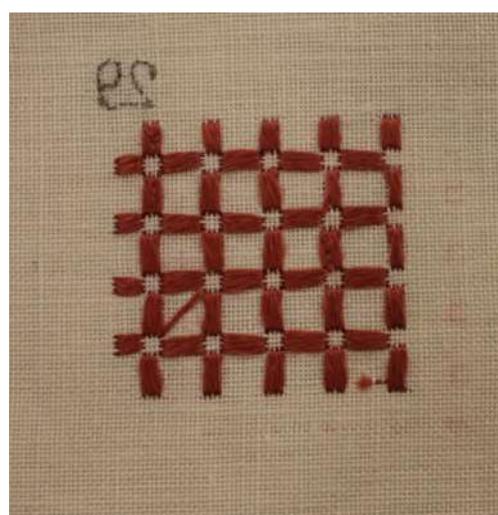
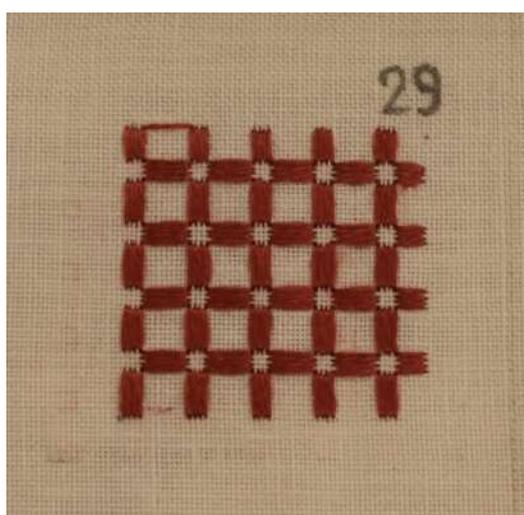
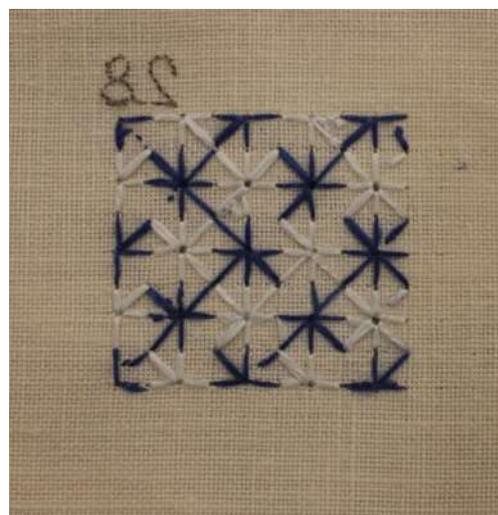
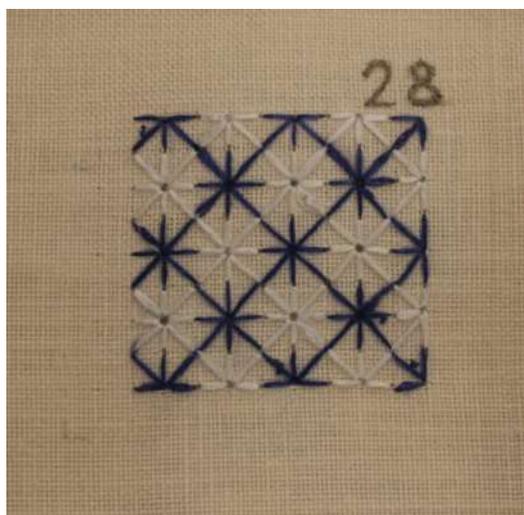


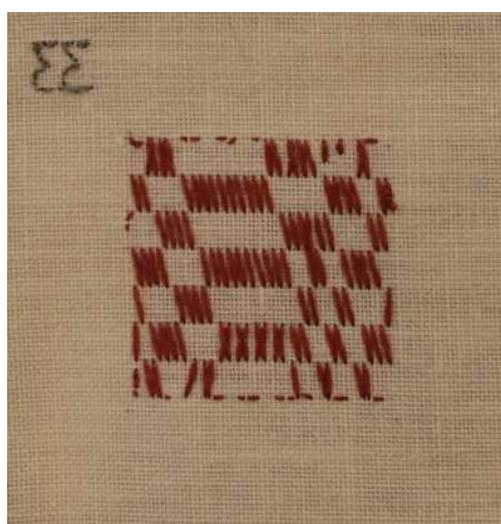
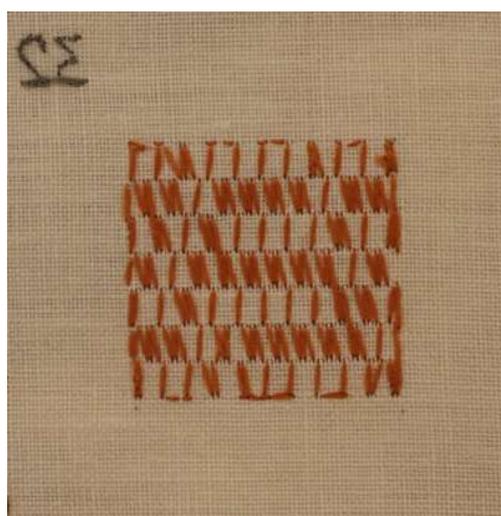
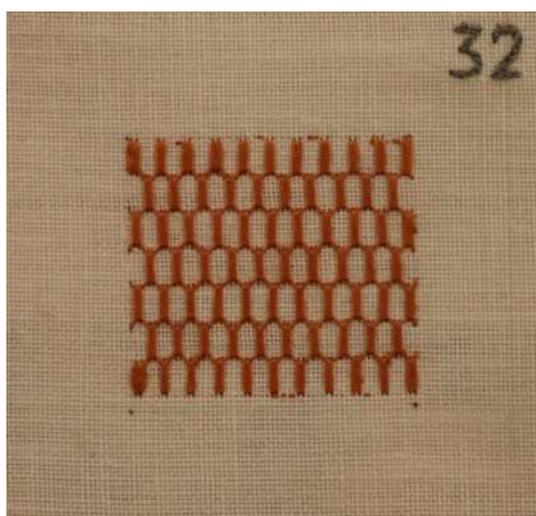
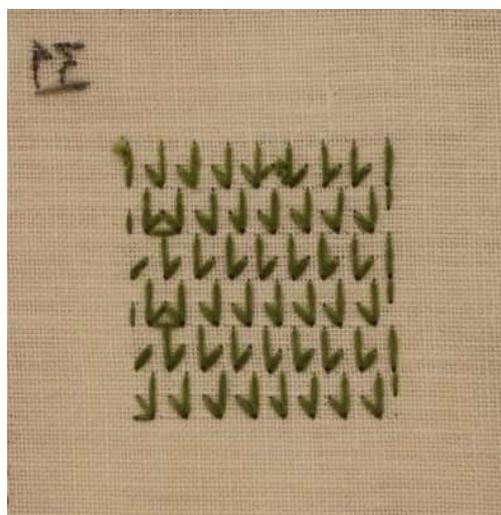
Bordado
Castelo
Branco

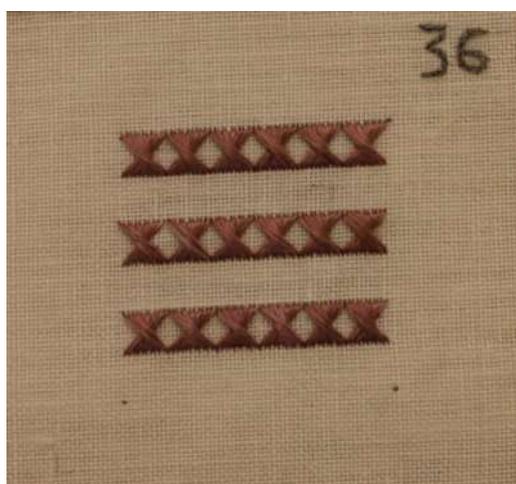


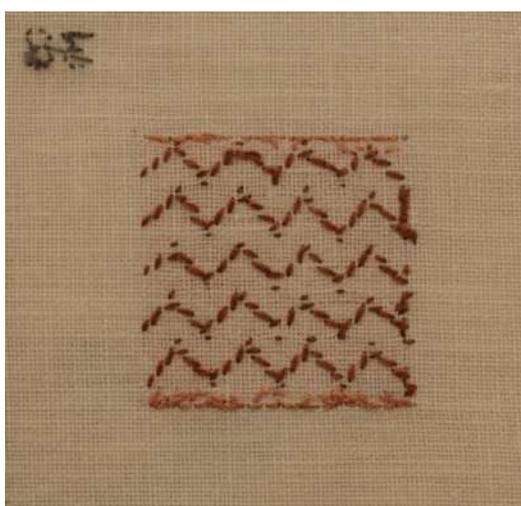
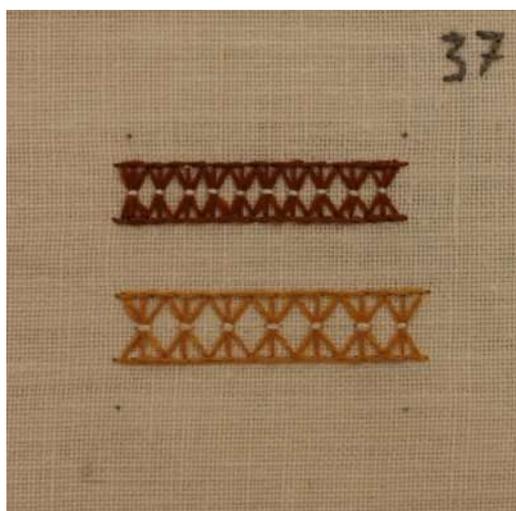






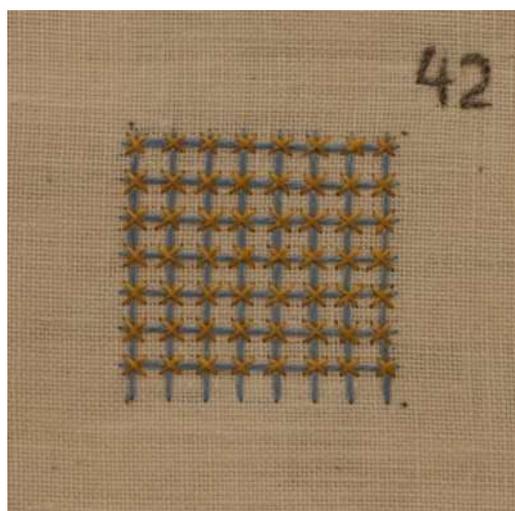
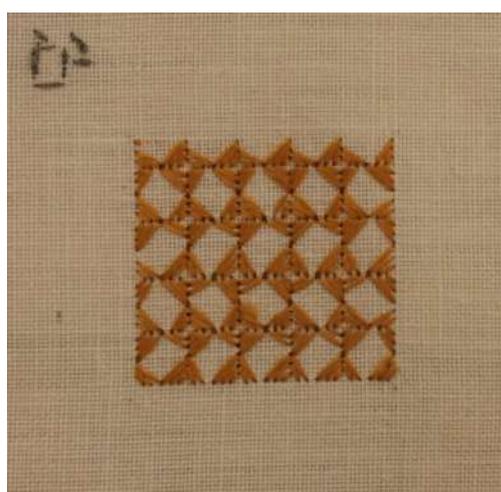
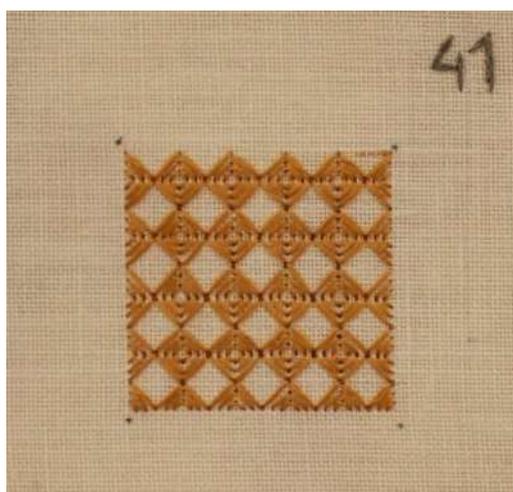
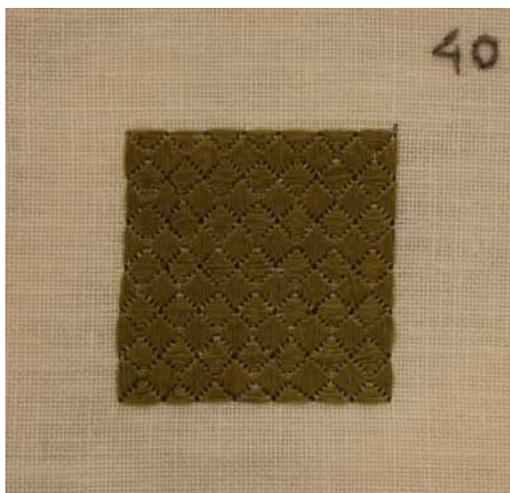






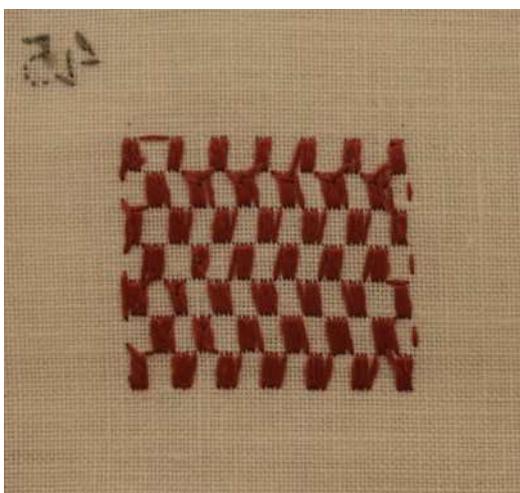
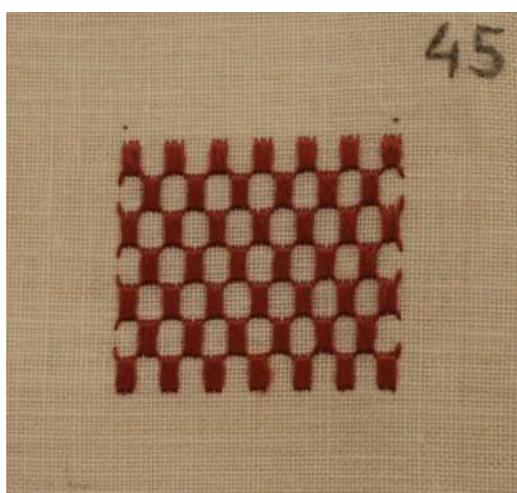
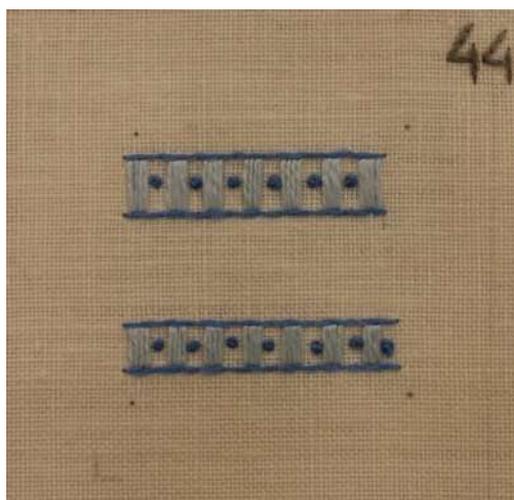
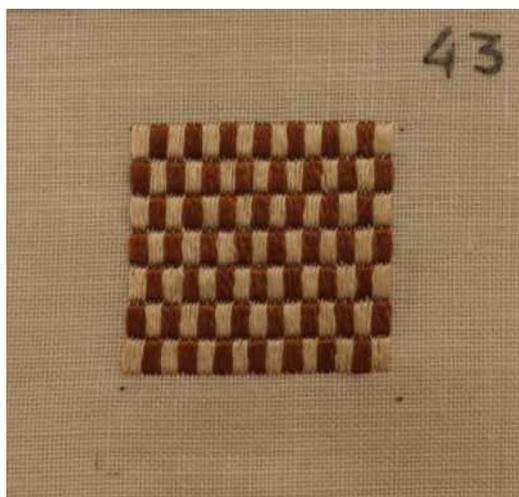


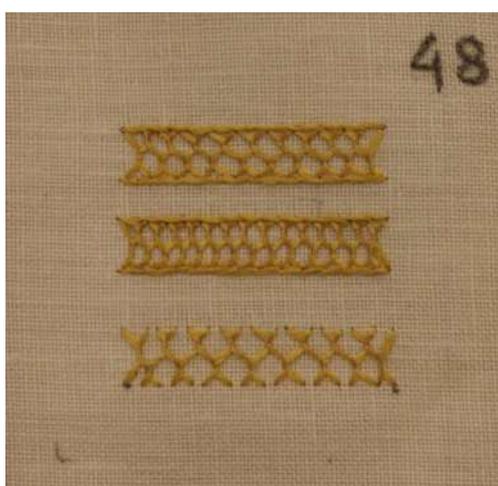
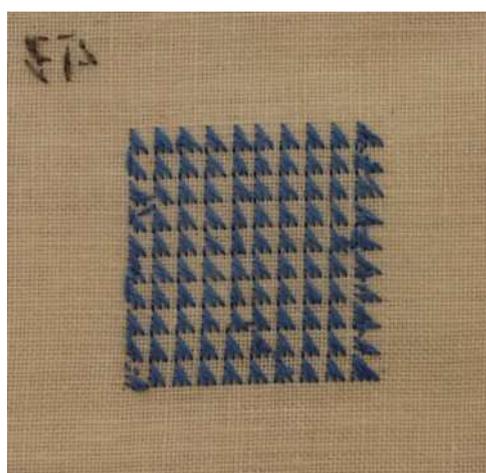
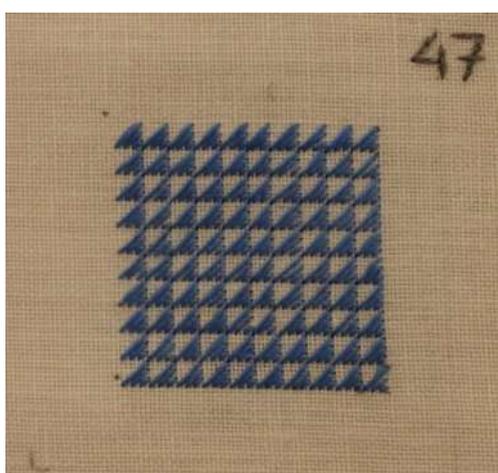
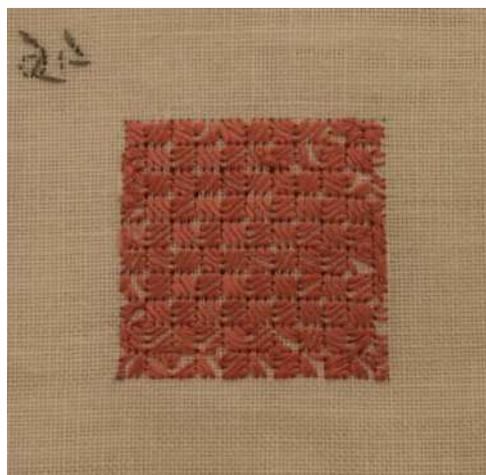
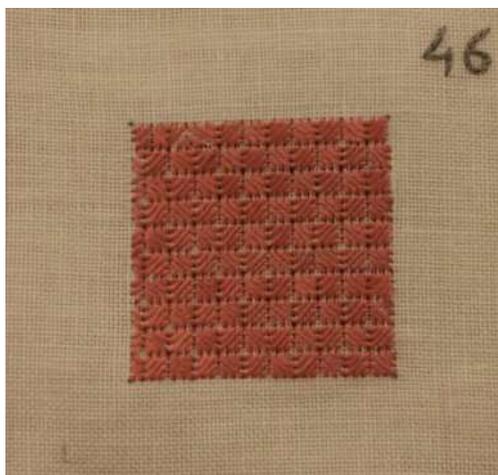
Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





6.3. Gramática decorativa

Como já foi referido, quando, no final dos anos 30 se relançou a produção do Bordado de Castelo Branco, TODAS as colchas bordadas a seda que se encontravam na região foram tidas como modelos adequados e, os seus elementos utilizados nas novas composições, passando a integrar, a definir e a identificar toda a produção oficial do século XX até à atualidade. A comprová-lo, quer os desenhos que existem no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, originários da oficina da Mocidade Portuguesa e todos os demais que já foram ali elaborados, ainda segundo os mesmos pressupostos, quer os desenhos produzidos na Casa-Mãe, a oficina de Elísio José de Sousa.

Nesta oficina, que tanta responsabilidade teve na difusão do Bordado e no alargamento da sua área de mercado, os desenhos foram feitos ainda com maior liberdade, criando padrões em que se misturaram várias tipologias, mudando a axialidade dos padrões, introduzindo motivos com a maior liberalidade, desde elementos arquitectónicos, em grande profusão, ícones e referentes territoriais, animais da fauna africana...

A sua primeira mestra, Deolinda Riscado, depois de sair da Casa-Mãe e sendo dos Escalos, criou ali a sua própria oficina, dando origem a uma verdadeira “Escola” que, passados mais de 50 anos, explica o forte núcleo de bordadeiras que ainda hoje ali existe, muito influenciado pela estética definida na oficina de Elísio José de Sousa.

É no entendimento desta situação compósita e heterogénea que se vão apresentar os motivos passíveis de admissão no Bordado de Castelo Branco, utilizados e sedimentados ao fim de mais de 80 anos de produção.

6.3.1 Elementos estruturais das Colchas

6.3.1.1 Padrões

No conjunto das colchas que constituíram os modelos de referência na produção do Bordado de Castelo Branco distinguem-se vários grupos, organizados a partir dos seus programas decorativos. Estes significam diferentes estruturas organizativas, bem como o uso de diversos conjuntos de motivos.

Na consideração destas duas variáveis - estrutura e elementos decorativos -, podem-se definir aquelas que consideramos as tipologias mais usuais, aquelas que constituem a matriz de referência das Colchas e do Bordado de Castelo Branco.

Definem-se assim quatro grandes grupos:

- Colchas de “faixa” ou de “azulejo”
- Colchas de “travessa”
- Colchas de “moldura”
- Colchas de “fita”.

Apresentam-se de seguida os principais elementos definidores destas tipologias.

- **Colchas de “faixa” ou de “azulejo”**

Trata-se de peças que, na origem não eram colchas, mas panos de armar, pelo que o seu comprimento é significativamente maior do que o das colchas propriamente ditas, ultrapassando os 220cm e muitas vezes chegando aos 280/300cm.

Apresentam uma barra bem vincada definida por cercaduras geométricas. Nos cantos aparecem quase sempre umas cartelas quadradas decoradas com flores inscritas na bissectriz. O campo destas peças apresenta uma decoração em que motivos de alguma complexidade se repetem originando faixas que se podem ler quer na vertical quer na horizontal, como um padrão de azulejo.

Quer os elementos que estruturam o desenho quer a decoração têm um carácter vegetalista, como se de ramos com flores se tratasse e o mesmo pode ser dito relativamente à barra.

Por vezes, no eixo vertical dispõem-se pequenos centros geralmente em número ímpar.

Todas estas peças se apresentam densamente bordadas e, em quase todas, se pode encontrar um ponto de bordar de difícil execução e que só aparece em peças portuguesas do final do século XVII, início do século XVIII.

Por vezes, neste tipo de peças, começa a definir-se um centro constituído por uma albarrada que se inscreve no padrão existente, com uma ténue delimitação ou mesmo sem nenhuma diferenciação.

- **Colchas de “travessa”**

Definem-se pelo centro o qual apresenta um desenho que, à falta de melhor designação, se parece com uma travessa. Este centro, por vezes, ainda se encontra sobreposto a um padrão do tipo faixa de azulejo. Noutros casos a decoração do campo organiza-se a partir das bissectrizes dos cantos, onde se inscrevem ramos de flores.

A barra ainda existe, mas muito menos marcada, menos larga, com os seus limites mais simplificados.

Estas peças, com estes tipos de centros, não são muito frequentes.

- **Colchas de “moldura”**

Nas colchas ditas de “moldura” o centro, de forma oblonga, entre o oval e o losango, aparece como se estivesse contido no interior de uma moldura de madeira trabalhada em talha, em cujos vértices se encontram impressionantes concheados.

Nalguns exemplares os elementos vegetalistas que organizam a estrutura do campo, como que coalescem definindo aquilo que se convencionou chamar um padrão de meandros, um conjunto de cartelas de desenho irregular e assimétrico, em cujo interior se encontram flores de desenho variado e precioso.

No interior do centro encontram-se ramos de flores onde, por vezes poisa uma ave, mas onde também se podem ver pavões afrontados.

- **Colchas de “fita”**

São as colchas que se encontram com maior frequência. Como nos casos anteriores é o desenho do limite do centro que as identifica, um limite muito simples, como se de uma fita se tratasse. Essa fita pode aparecer inteira ou interromper-se nos vértices.

No interior destes centros encontra-se uma grande variedade de composições que têm em comum estruturarem-se a partir de um ramo bem desenvolvido que o ocupa na totalidade. Neste ramo, encimado por uma grande flor (que pode ser um cravo, um papiro, uma flor de lótus ou outra), podem encontrar-se figuras humanas (sozinhas ou acompanhadas) e nele poisar, ou não, uma ou mais aves.

O campo destas colchas também pode apresentar vários tipos de desenho. O mais comum é aquele em que nas bissectrizes dos cantos se dispõem ramos de flores diversas a abrir na direcção do centro, mas também pode acontecer que as flores abram na direcção oposta.

Nestas colchas predominam os cravos estrelados, presentes nas suas variadas configurações, ramos de bolas e elementos vegetais, por vezes de grandes dimensões, que se dispõem de cada lado do centro ou na parte superior e inferior da colcha.

- **Outros casos**

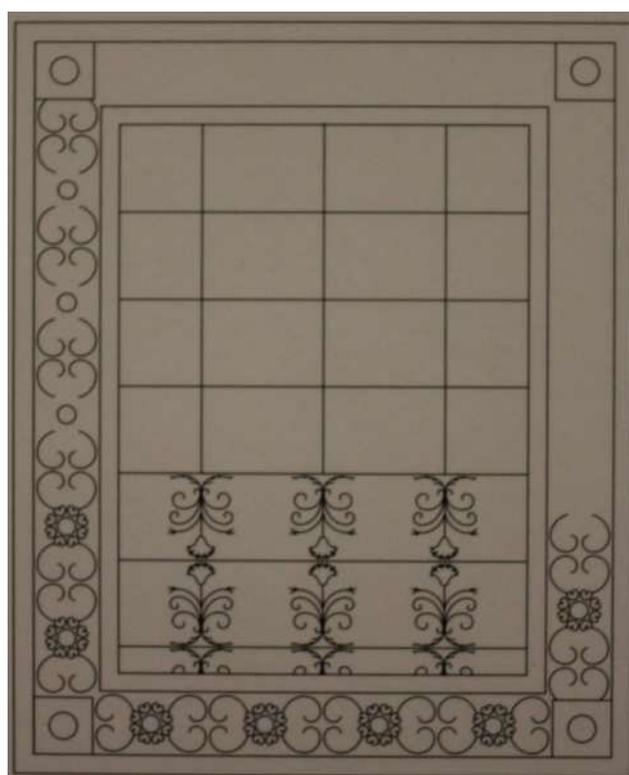
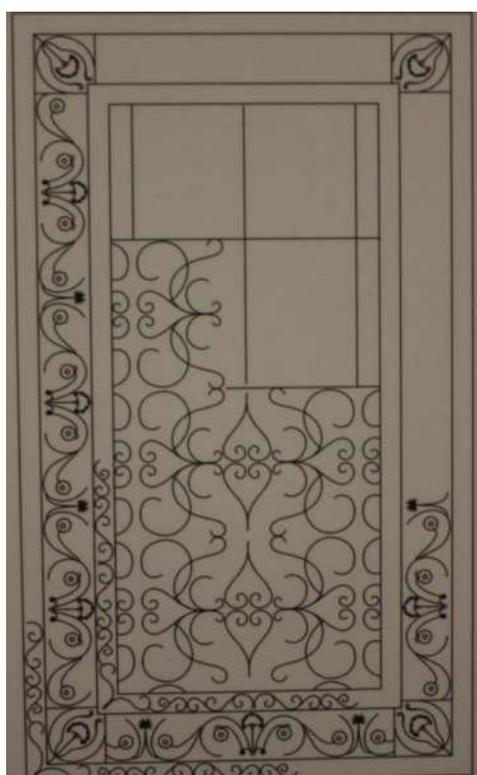
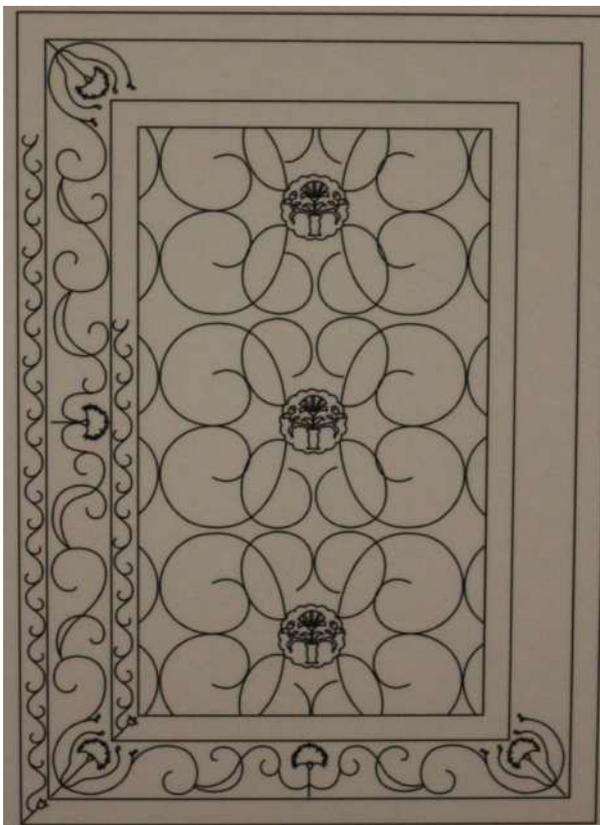
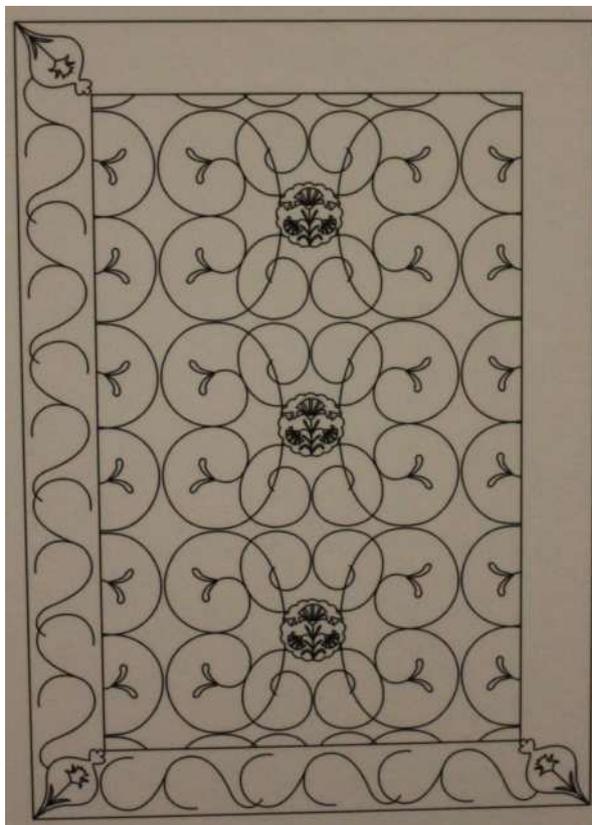
Existem colchas sem centro, cujo programa decorativo anda muito próximo destas colchas a que chamamos de “fita”.

Igualmente existem colchas em que a definição do centro se faz a partir de uns arabescos mais geometrizantes ou de ramos de folhas.

São casos muito mais raros que se devem, no entanto, assinalar.

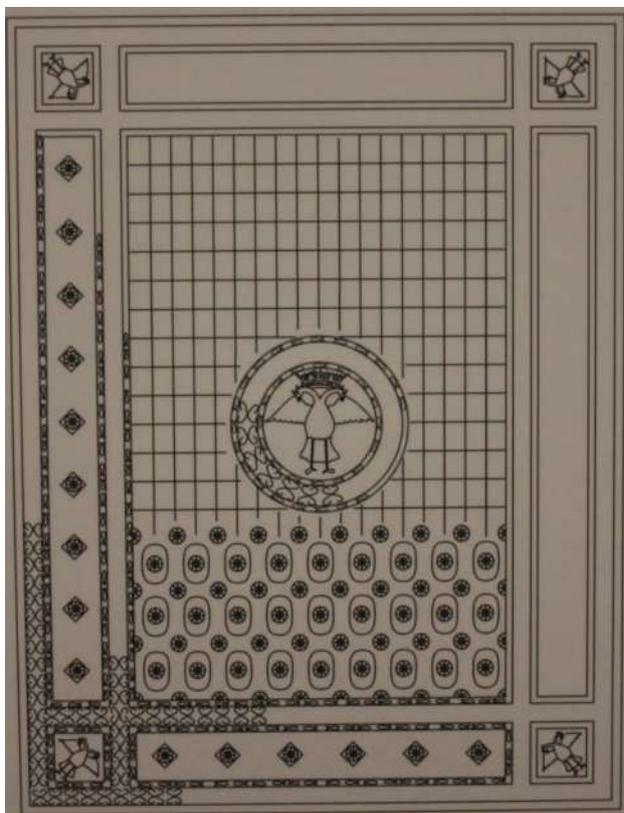
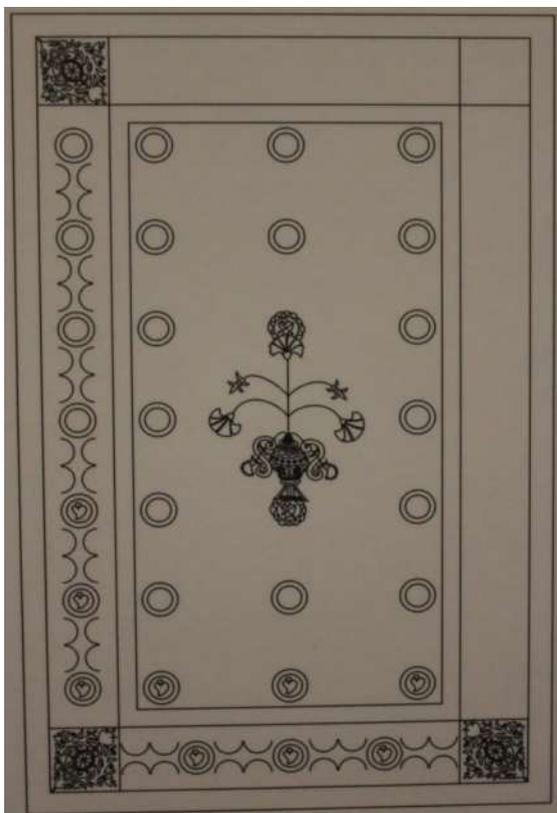


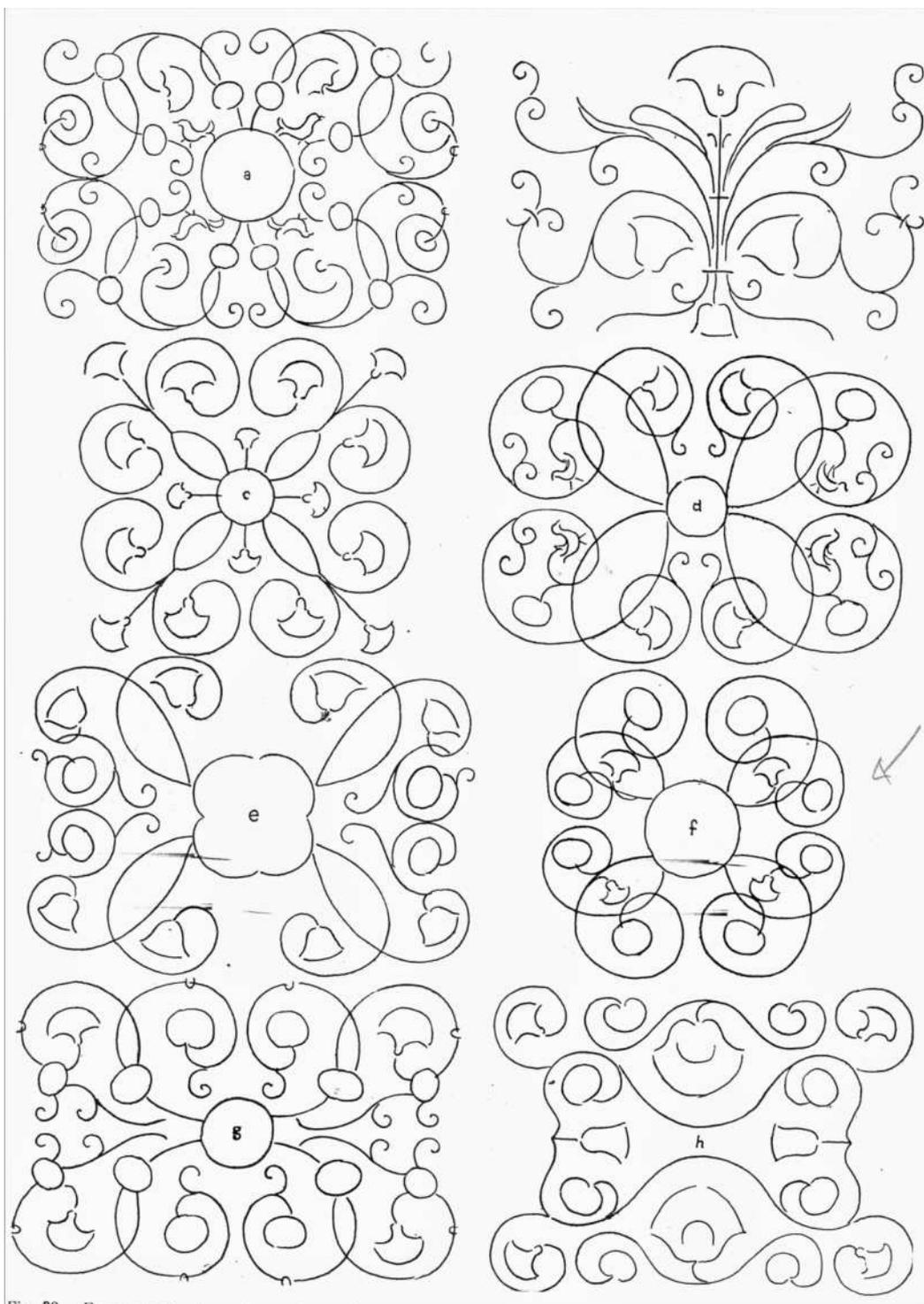
Bordado
Castelo
Branco





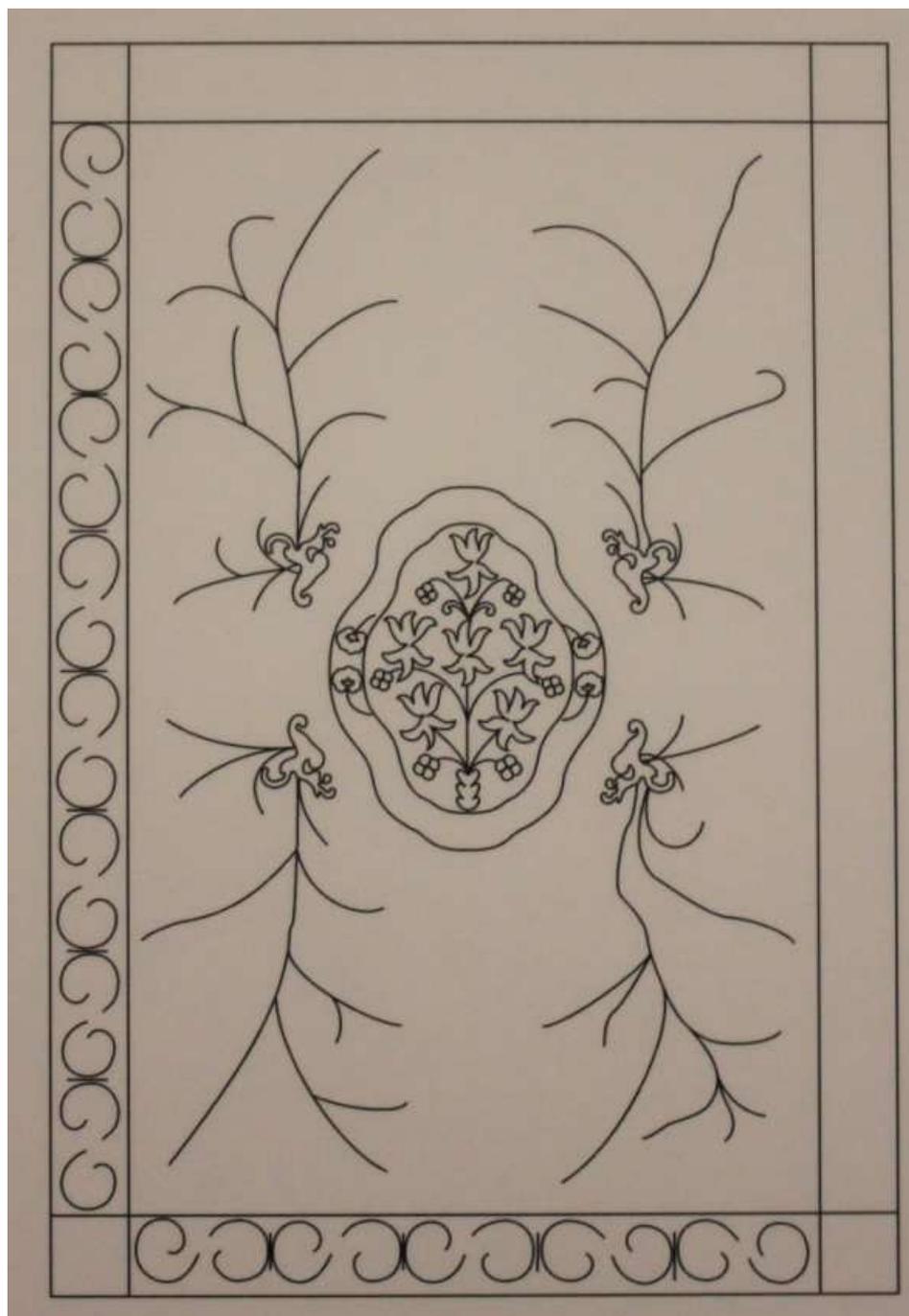
Bordado
Castelo
Branco





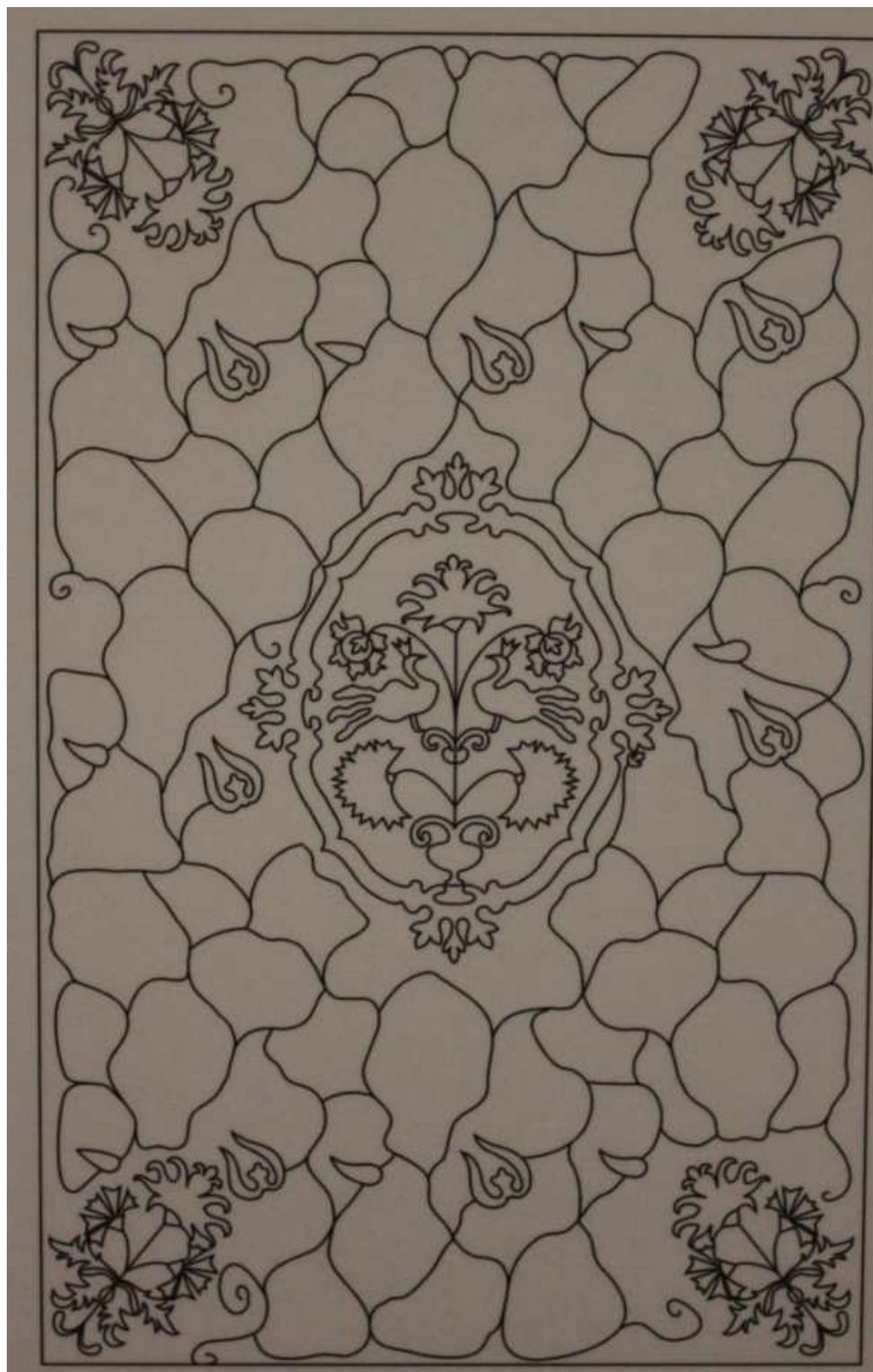


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





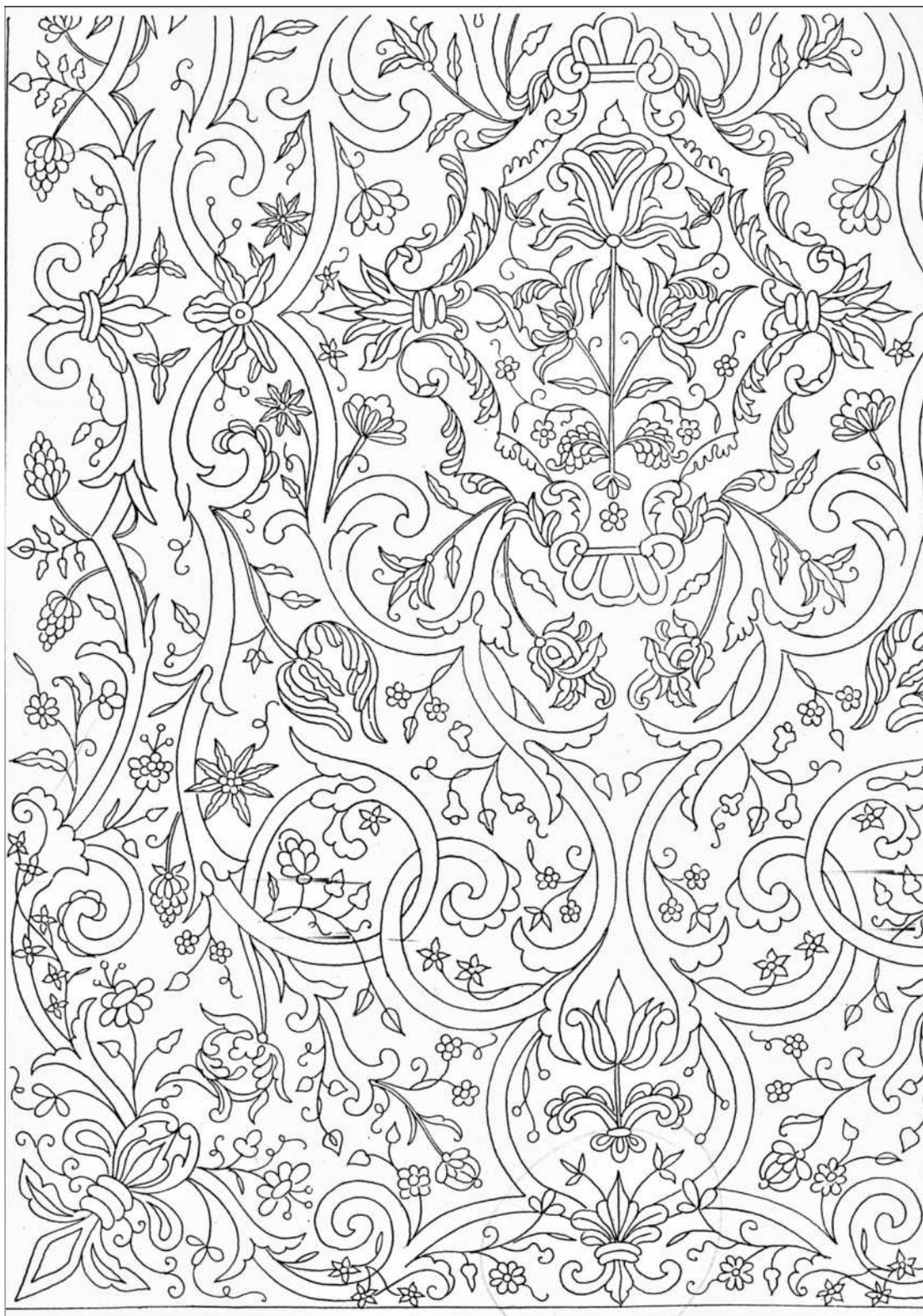
Bordado
Castelo
Branco

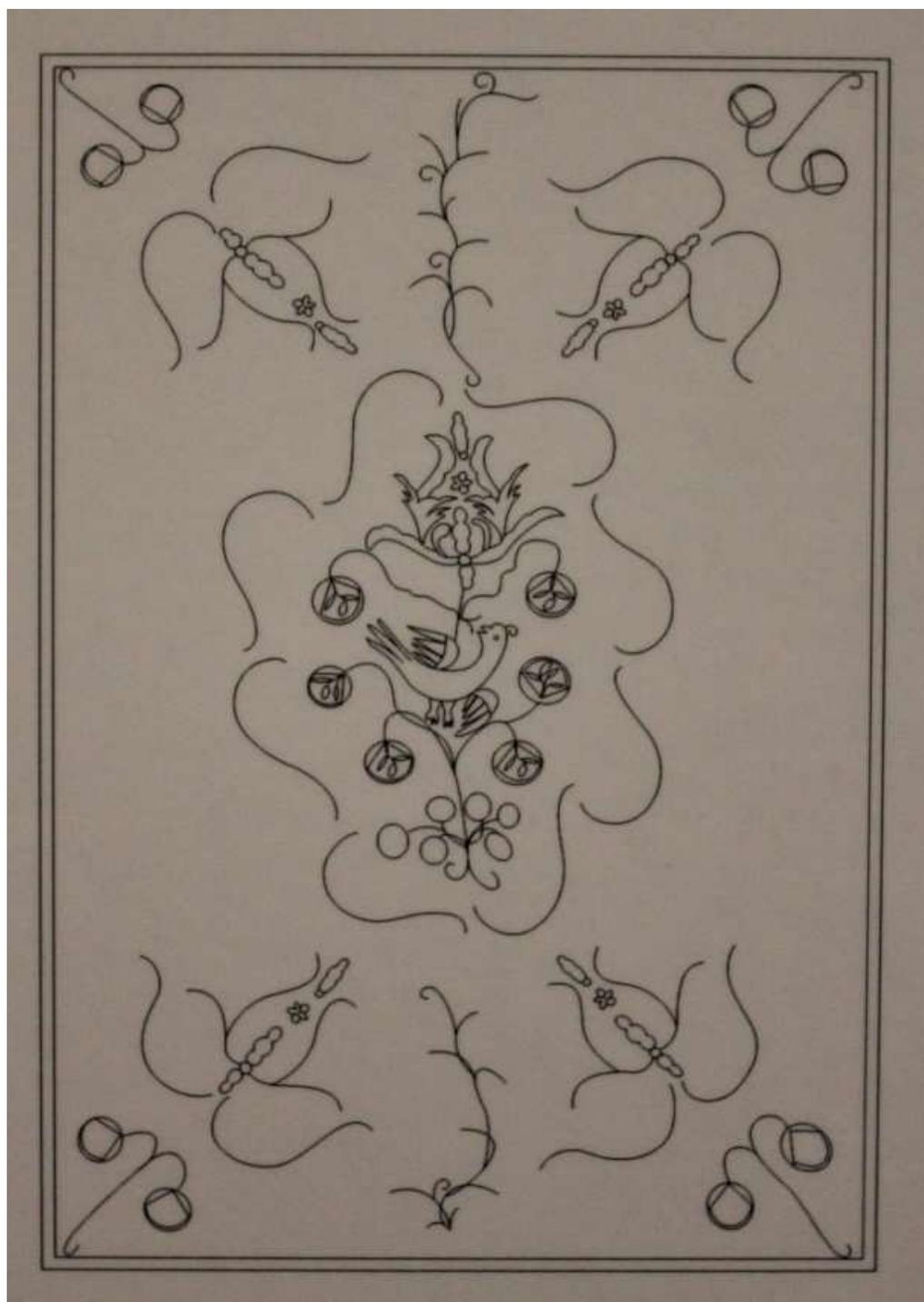
ARTE PORTUGUESA





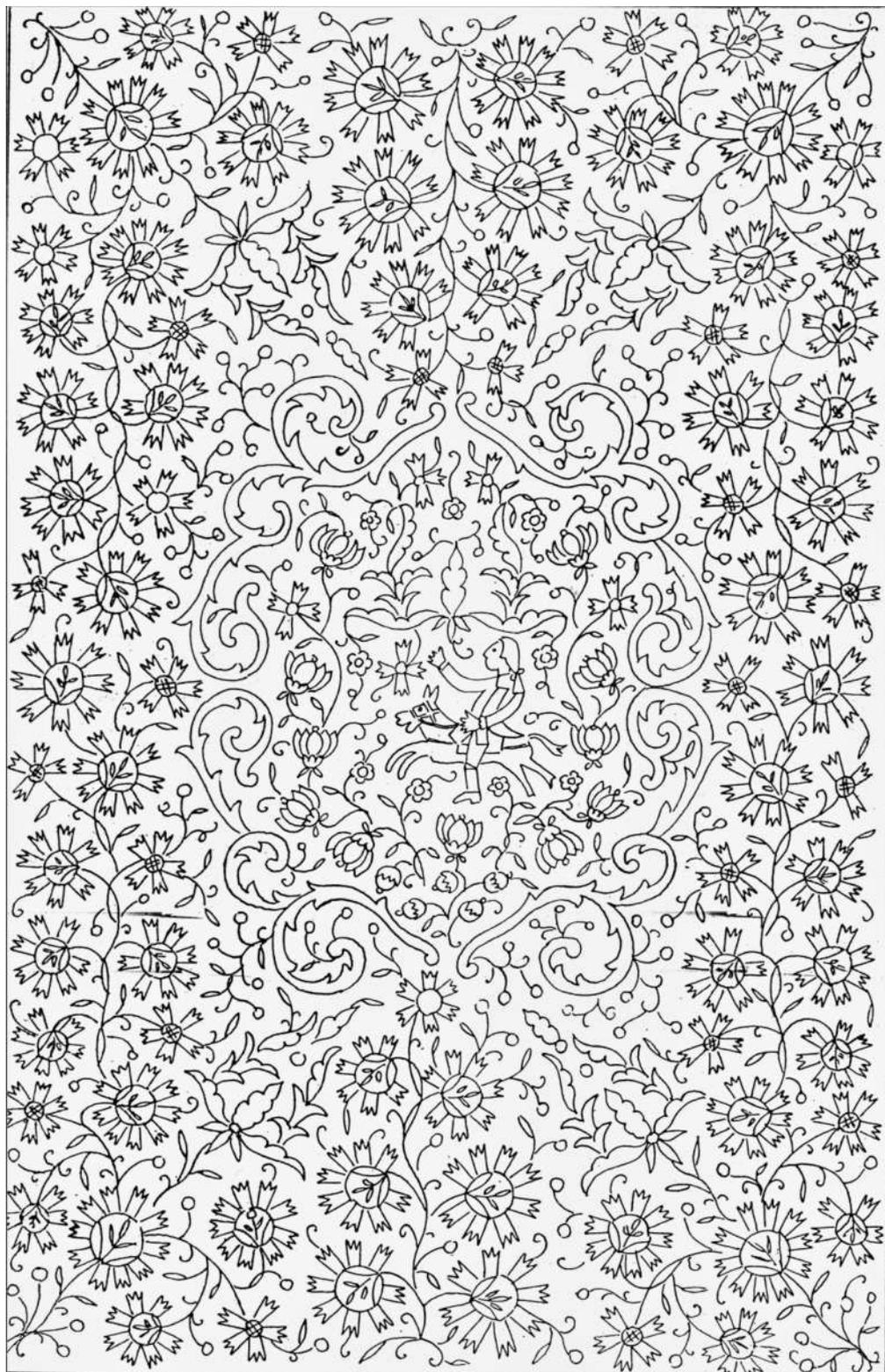
Bordado
Castelo
Branco





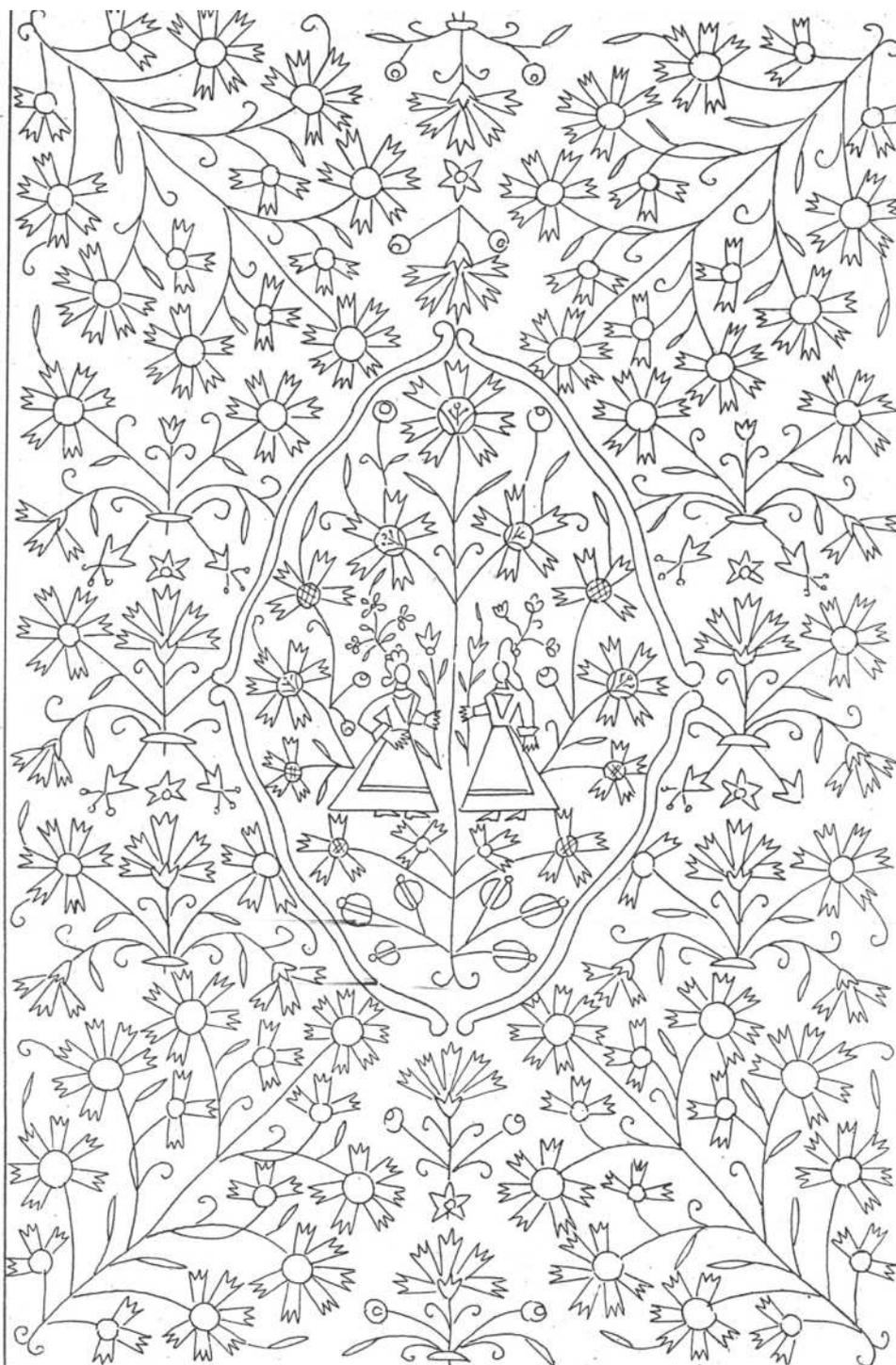


Bordado
Castelo
Branco

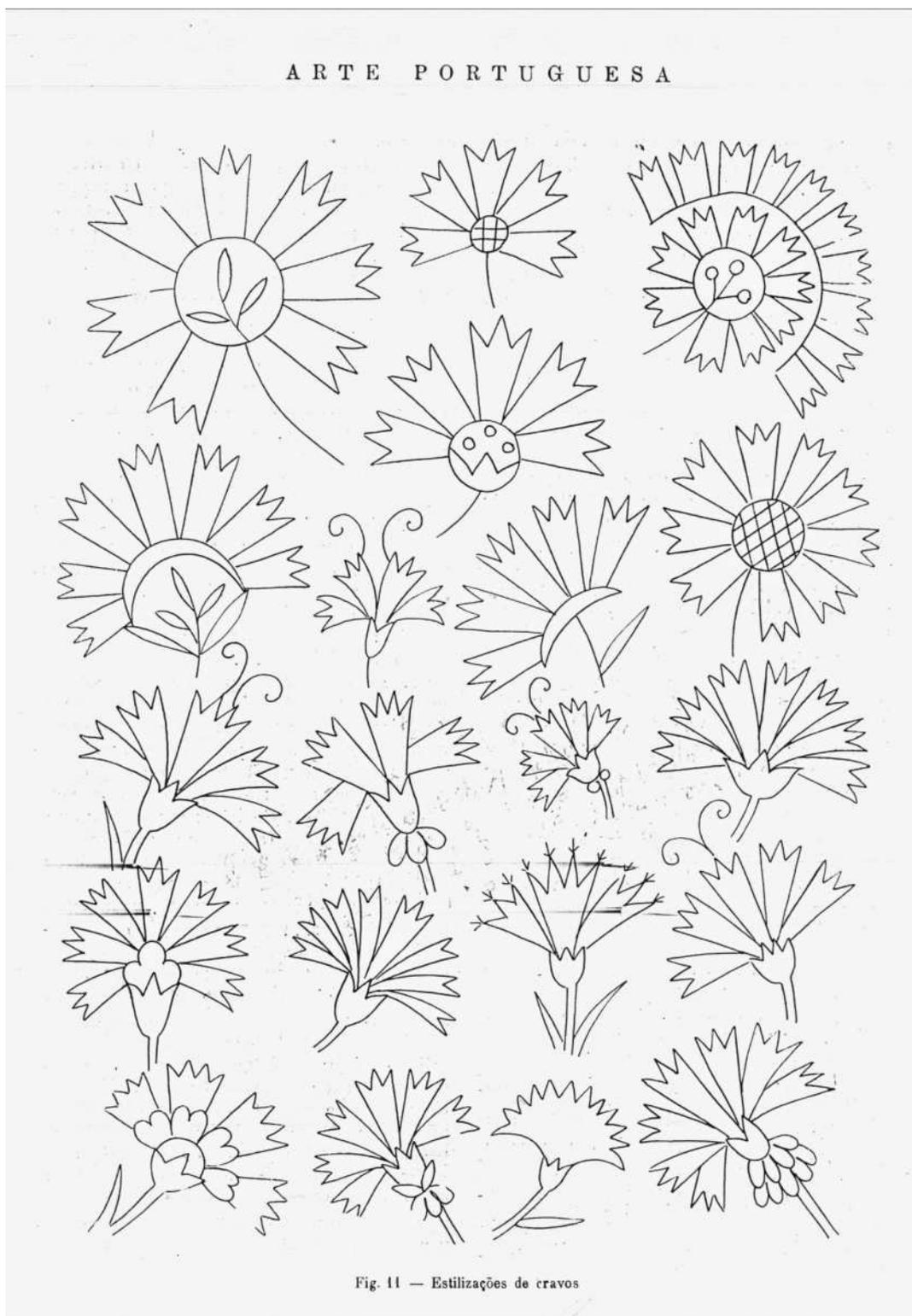




Bordado
Castelo
Branco



6.3.1.2 Motivos (desenho)





ARTE PORTUGUESA

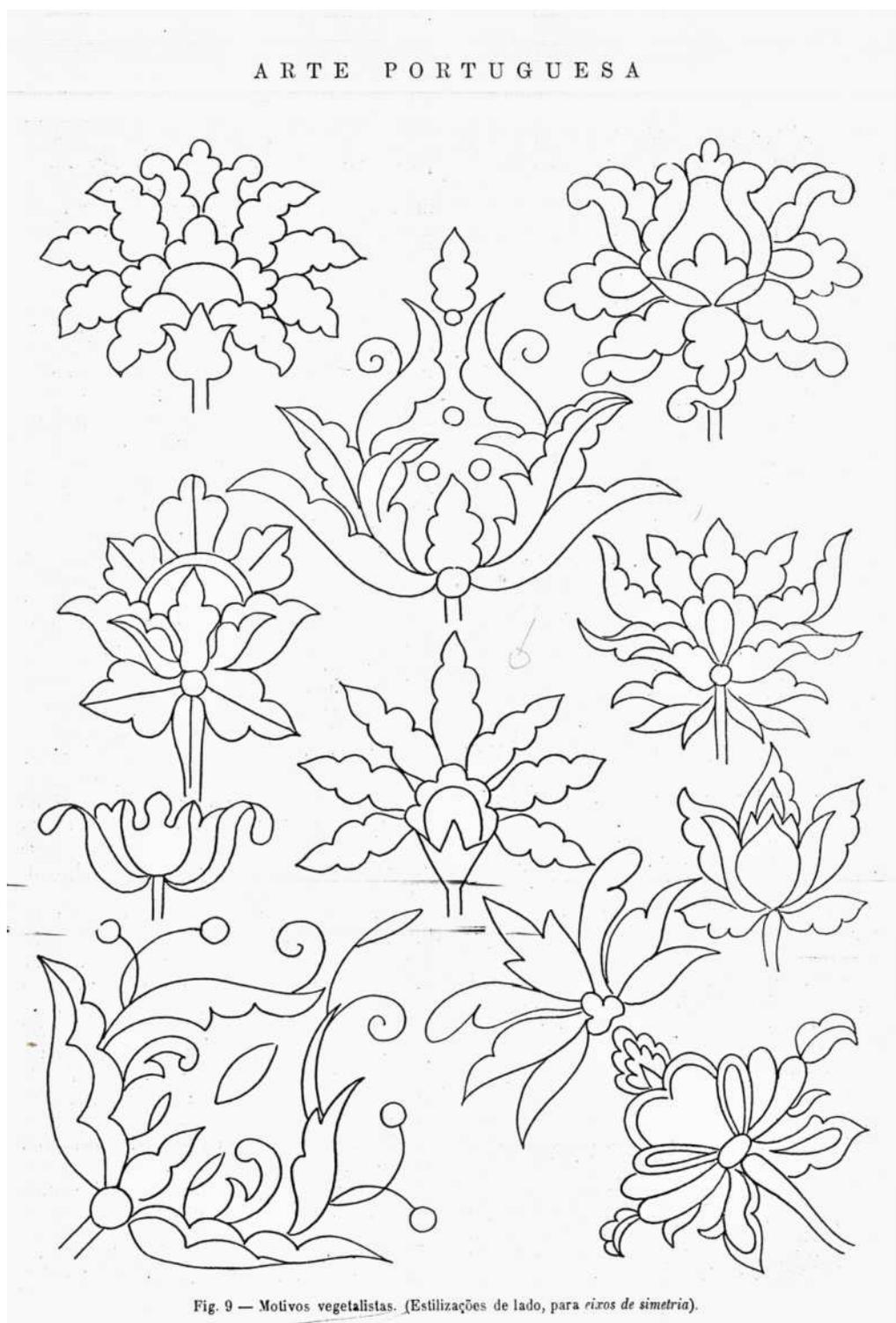


Fig. 9 — Motivos vegetalistas. (Estilizações de lado, para *eiros de simetria*).



ARTE PORTUGUESA

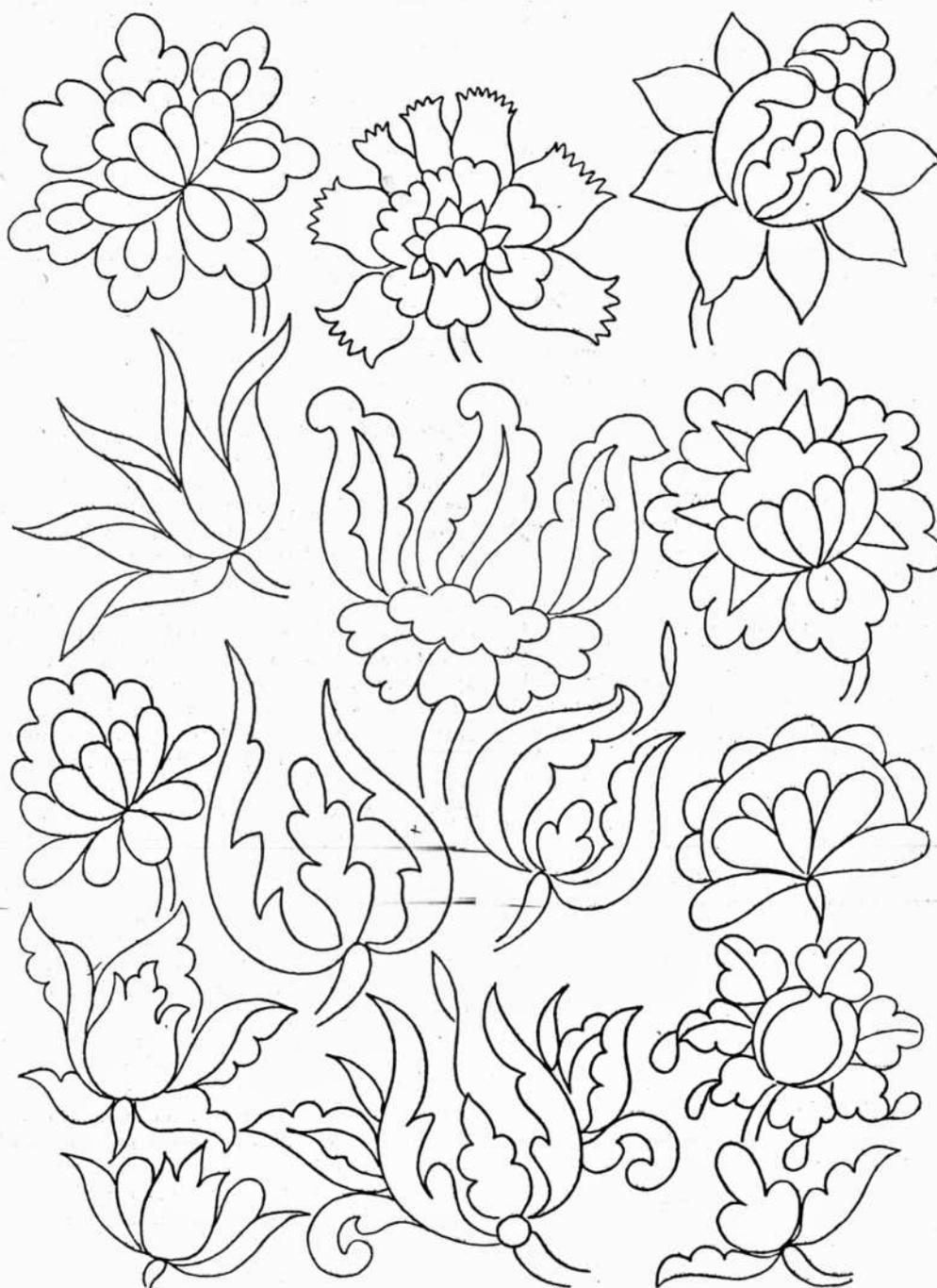


Fig. 10 — Motivos vegetalistas. (Estilizações de lado)



ARTE PORTUGUESA

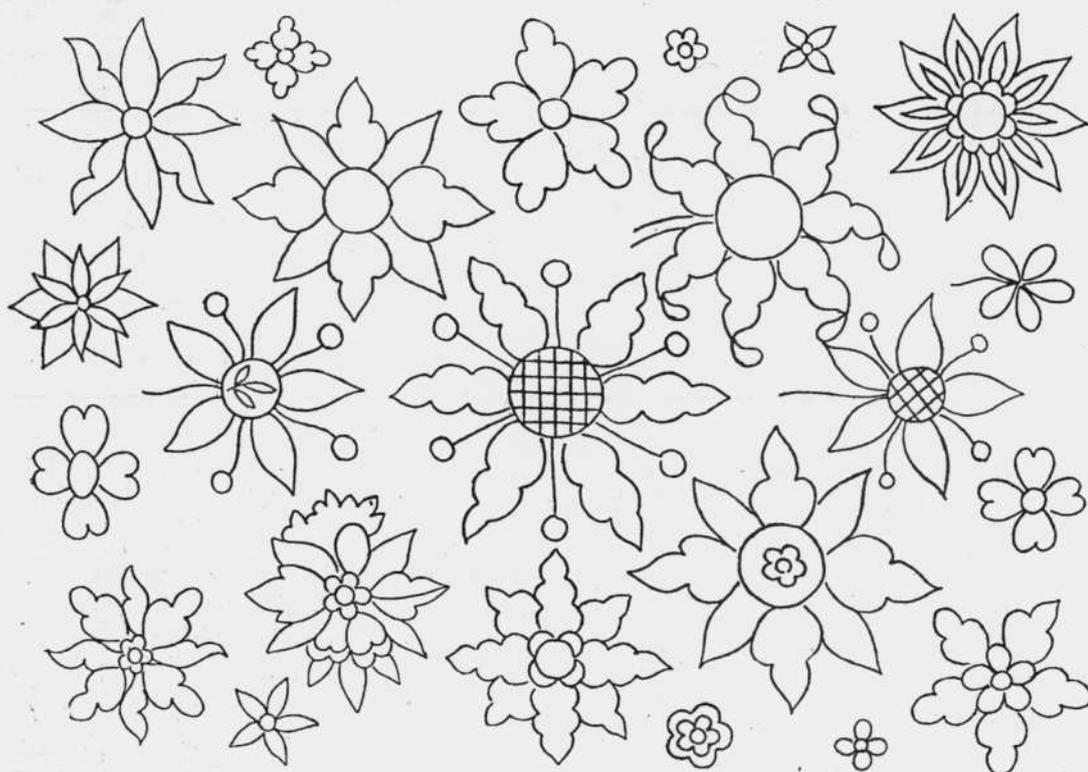
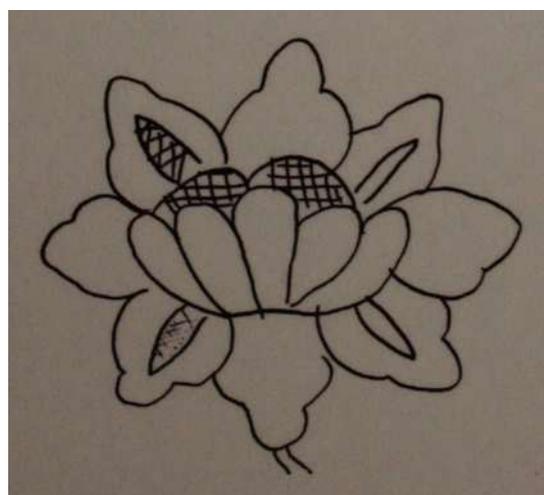
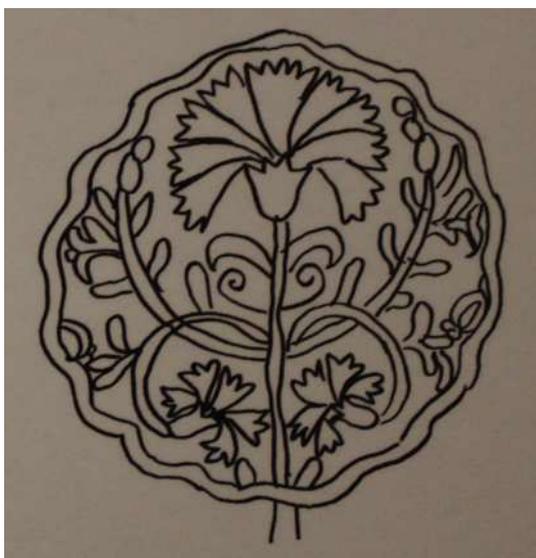
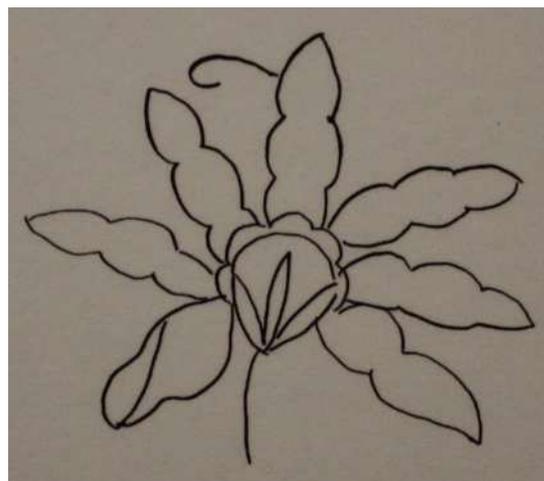
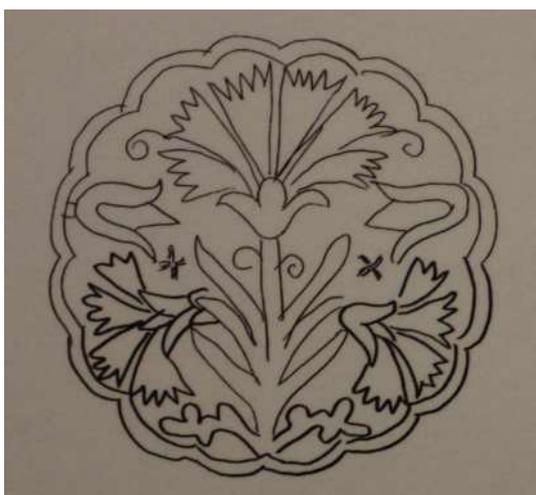
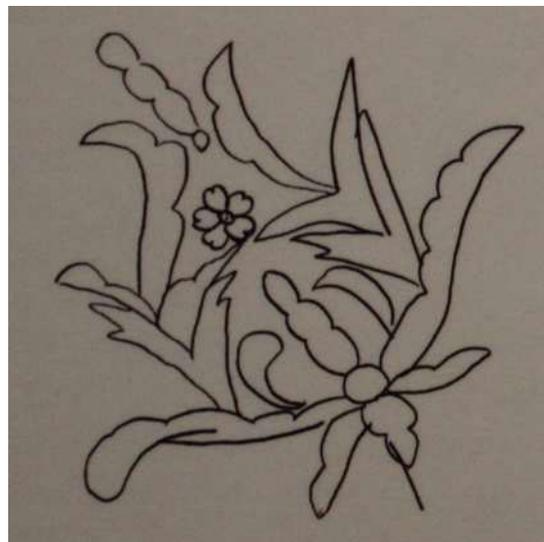
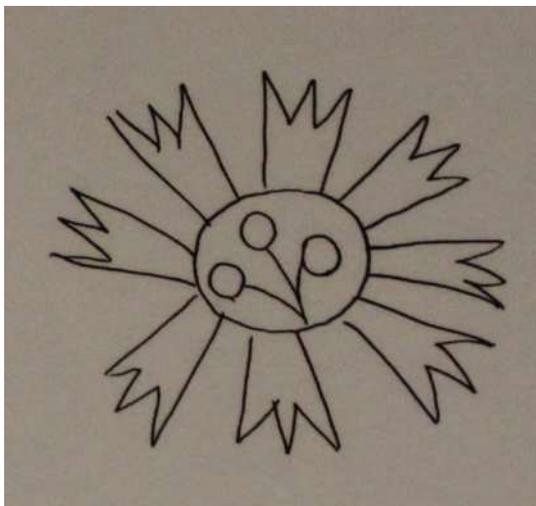


Fig. 8 — Motivos vegetalistas. (Estilizações de frente)

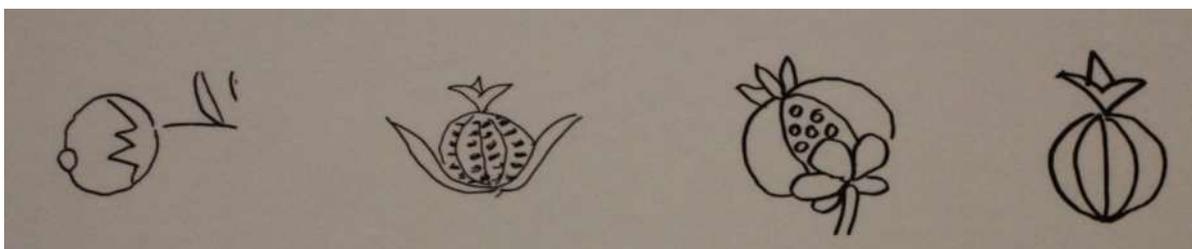
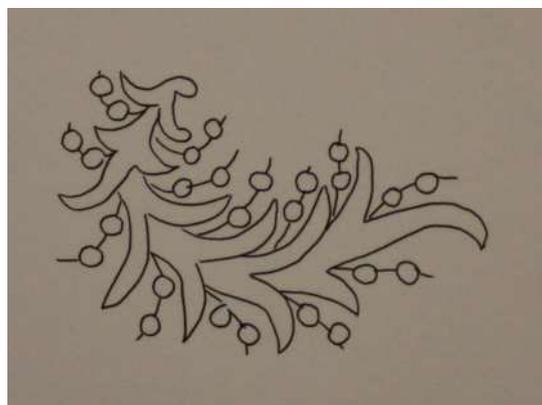
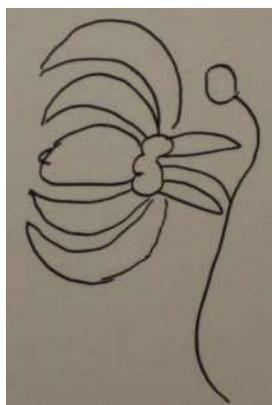
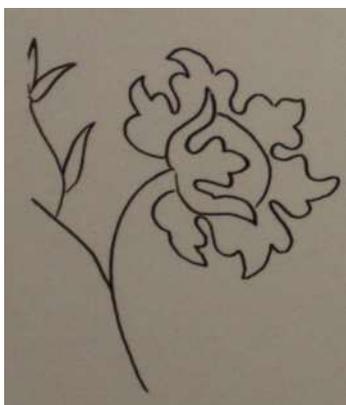
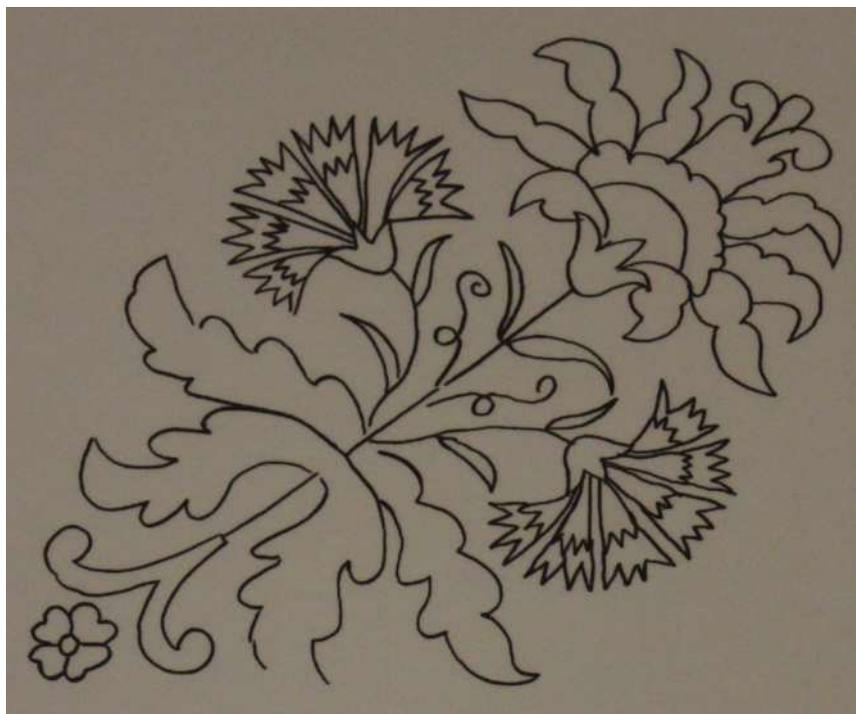


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





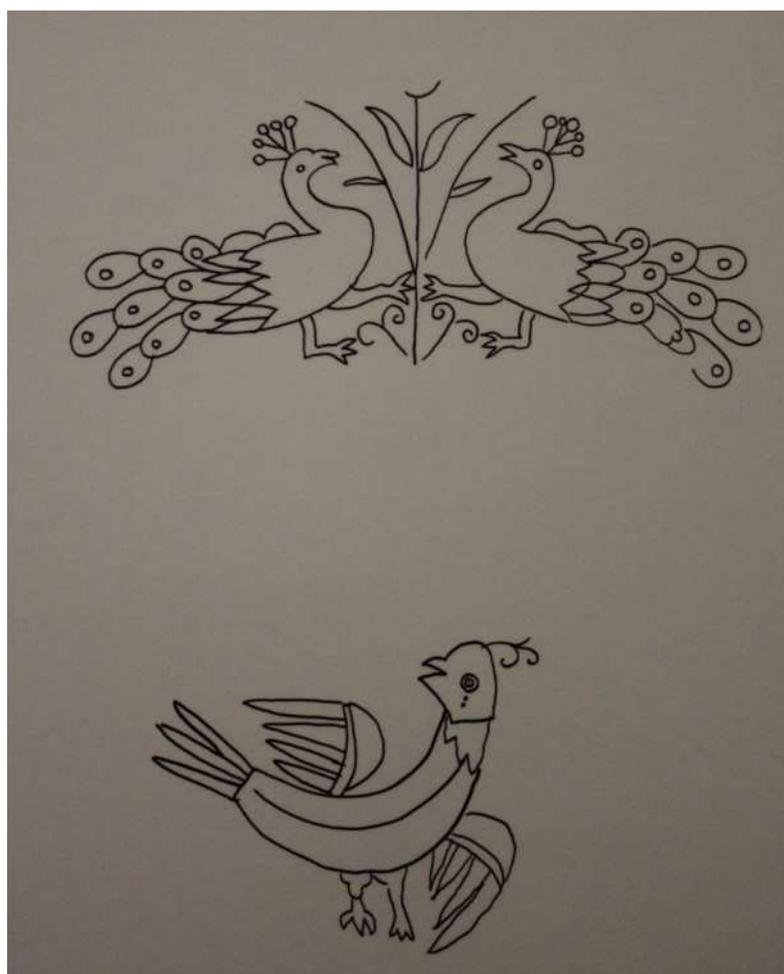
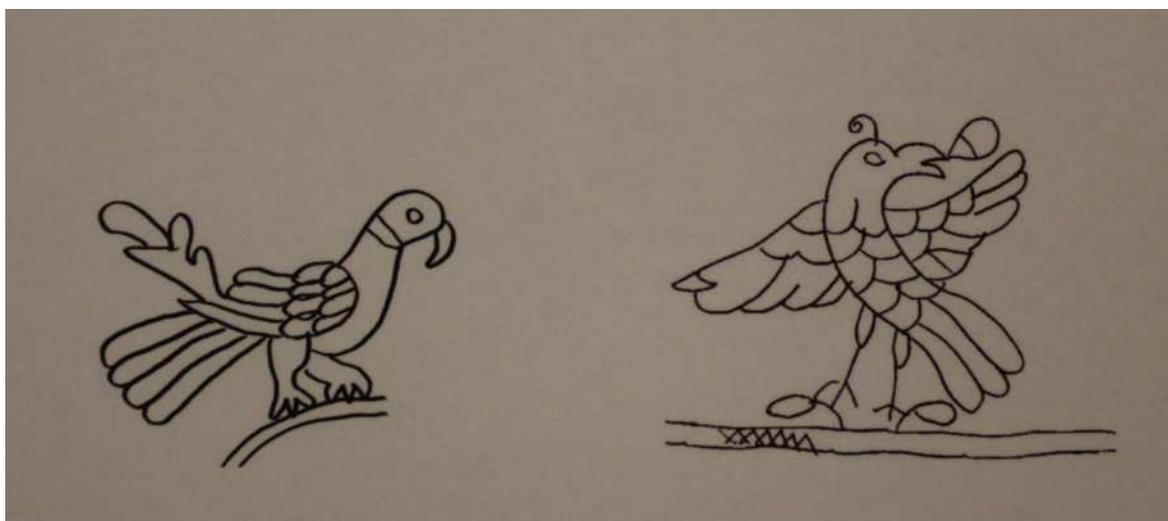
ARTE PORTUGUESA



Fig. 22 — Albarradas



Bordado
Castelo
Branco





ARTE PORTUGUESA



Fig. 16 — Motivos animalistas



ARTE PORTUGUESA

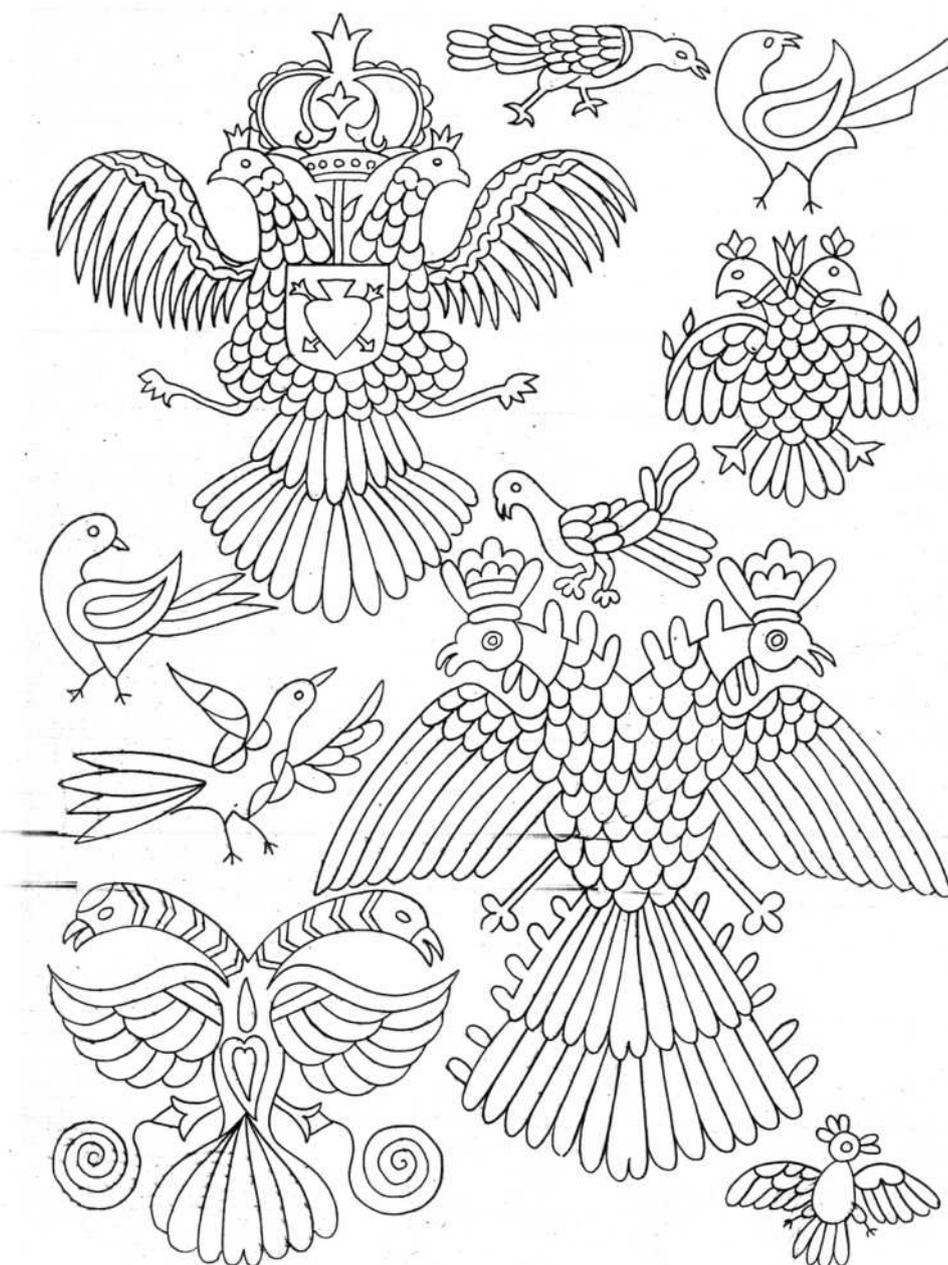


Fig. 18 — Águias bicéfalas e outros pássaros



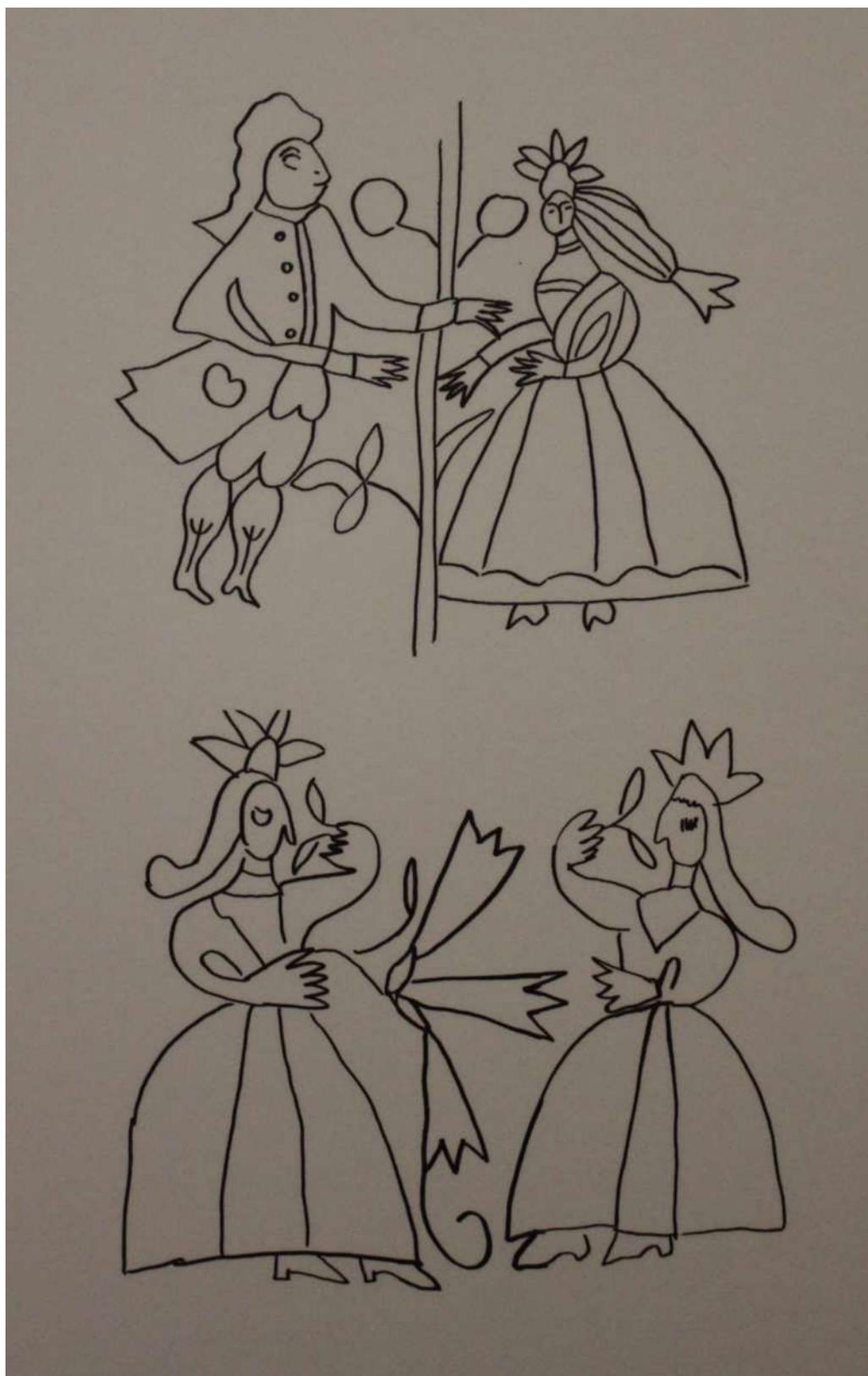
ARTE PORTUGUESA



Fig. 19 — Motivos antropomorfos



Bordado
Castelo
Branco



6.3.1. Motivos recorrentes no Bordado de Castelo Branco (isolados ou combinados entre si)

6.3.1.1. Motivos Vegetalistas

ÁRVORES

As colchas com a “árvore da vida” apresentam entre si variações muito pouco significativas. O seu modelo terá sido o padrão de um palampore indiano (tecido de algodão estampado), um padrão que, com o tempo, integrou algumas figurações junto ao característico monte de terra em “escamas” donde surge a árvore. Conhecem-se dois tipos destas figurações: pequenos galos, conhecidos na gíria local por galrichos, em número de quatro ou seis e um ou três cavaleiros. Para as acolher, o desenho inicial foi modificado, interrompendo-se os caules dos arbustos que cresciam junto à árvore e paralelos ao seu tronco, que ficam agora suspensos, dando espaço aos novos elementos.

Os ramos da árvore lançam-se em todas as direções do campo da colcha, neles se dispoem frutos e flores de desenho variado, mas ocupando sempre as mesmas posições relativas. Um pouco acima do centro da colcha os ramos definem uma cartela que acolhe uma ave. Sensivelmente à mesma altura podem-se ainda ver, dois “passarinhos”, um de cada lado da árvore.

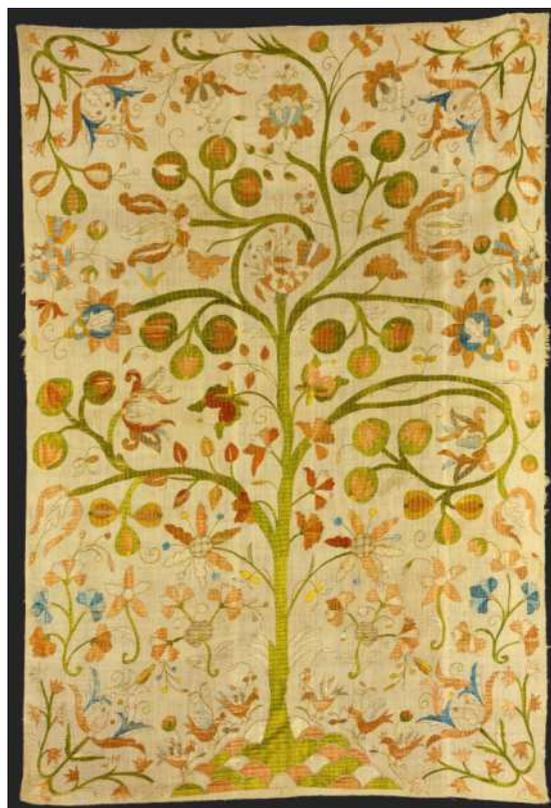
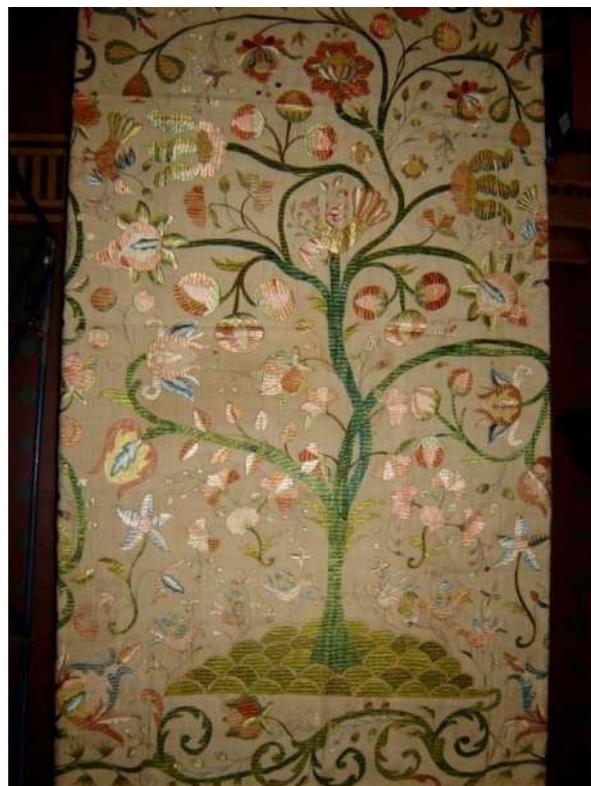
Nalguns casos vêem-se uns enrolamentos que seboçam uma barra a contornar todo o campo, mas estes enrolamentos podem faltar. Os cantos surgem sublinhados por uma impressiva “flor de lótus”, a qual abre na direção do centro da colcha e cujo caule se inscreve na respectiva bissectriz.

A estas colchas, todas muito semelhantes, juntam-se outras em que a árvore aparece desenhada de um modo mais livre e descuidado e há mesmo um caso em que se podem ver vários troncos em vez de um único. Nestas árvores é que aparecem os cravos abertos, característicos da produção mais tardia, feita, provavelmente, na região de Castelo Branco.

Qualquer que seja o desenho da árvore há elementos que se devem manter, nomeadamente o monte de terra em “escamas” e o preenchimento do campo com ramos carregados de flores, frutos e onde podem aparecer, ou não, aves. Em desenhos mais contemporâneos aceitam-se motivos referentes a flores ou frutos mais estilizados.

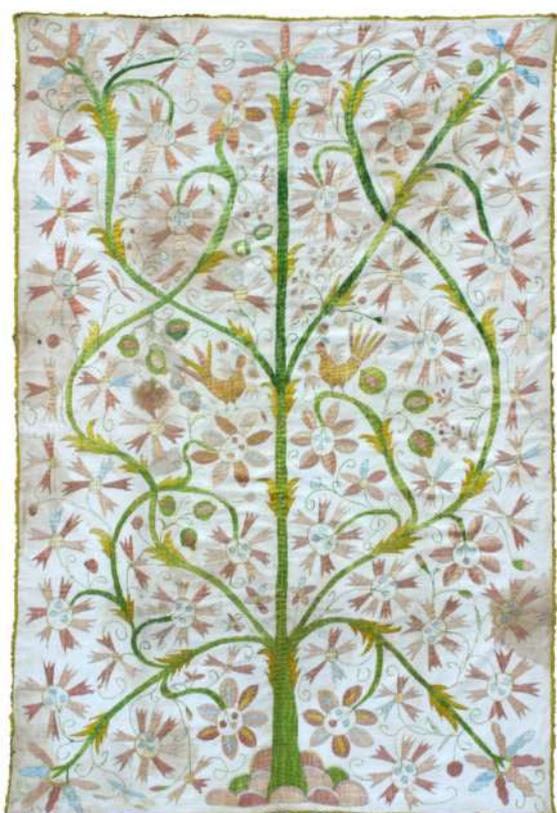


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



FLORES

As flores constituem um dos motivos que mais caracteriza as Colchas de Castelo Branco. Apresentam, como seria de esperar, desenhos variados, uns mais identificáveis que outros. De facto, sendo os seus prováveis modelos quer peças chinesas, quer peças indianas, se há flores fáceis de identificar (flores de lótus, flores de papiro, crisântemos, peonias) aparecem outras de desenho fantasista, que dificilmente se podem nomear. Acrescem ainda a esta panóplia flores europeias como os miosótis ou os lírios.

Se exceptuarmos alguns casos como o das peonias, bordadas a ponto de pena, ou dos miosótis bordados a ponto de matiz, as flores são sempre bordadas a Ponto de Castelo Branco podendo este, no entanto, ser acompanhado, em pequenos apontamentos, por outros pontos.

Cravos

No Bordado de Castelo Branco o cravo é a flor dominante, tendo-se tornado o ícone por excelência desta produção.

Todavia o desenho dos cravos apresenta diferentes tipologias:

- Cravos compactos

Nas colchas da Oficina de Lisboa, feitas nos finais do século XVII, os cravos são sempre representados em corte, com cálice e corola compacta. Geralmente apresentam-se bordados a matiz, mas há casos em que são bordados com “cheio de bicos”. Foram bastante utilizados nas colchas bordadas nos anos 40 e 50 do século XX.





- Cravos ricos

Nas peças de desenho mais cuidado existe um outro tipo de cravos, mais raro, a que chamamos “cravo rico”. Neste, o desenho é mais trabalhado. Vê-se o cálice que segura um “bolbo” donde saem pétalas, com o respectivo remate de bicos. No entanto as pétalas são sempre trabalhadas a duas cores. Nalguns casos, de desenho mais complexo e requintado, entre o “bolbo” e as pétalas encontra-se uma coroa de bicos.





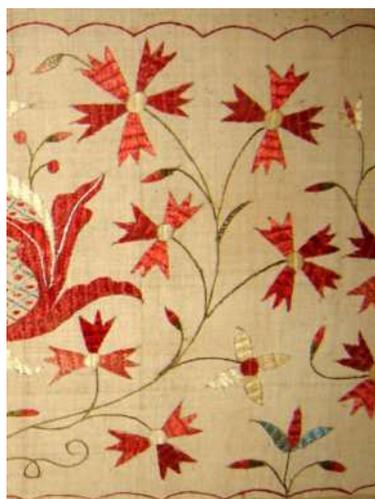
- Cravos abertos estrelados

Nas colchas, mais tardias, de “cravos abertos”, estes têm grande expressão notando-se a existência de várias sub-tipologias: **abertos estrelados simples, abertos estrelados de perfil e abertos estrelados mistos.**

Nos **cravos abertos estrelados simples**, as flores apresentam-se espalmadas. Não existe cálice, antes se vê uma grande corola donde saem pétalas, em número variável (entre as cinco e as doze), separadas umas das outras e igualmente rematadas pelo mesmo tipo de bicos. A corola pode ser preenchida com uma rede muito simples, ponto de Castelo Branco ou ponto pé de galo.



Bordado
Castelo
Branco





Também existem cravos espalmados que se apresentam de perfil - **Cravos abertos estrelados de perfil**, uma vez que mostram sempre um cálice com duas ou mais sépalas, bordadas da mesma cor do caule.





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



Os **cravos abertos estrelados mistos** aparecem também estrelados mas, no espaço correspondente à corola, também se vê um cálice e outras figurações como estilizações de flores ou botões.

Apresenta pétalas em número variável, entre as três e sete, todas rematadas por bicos, também eles em número variável, sendo três a ocorrência mais banal.





Flor de Lótus

A flor de lótus tanto aparece nas peças mais eruditas como nas peças mais populares. Com o tempo, o seu desenho vai perdendo definição afastando-se dos modelos mais eruditos.





Bordado
Castelo
Branco



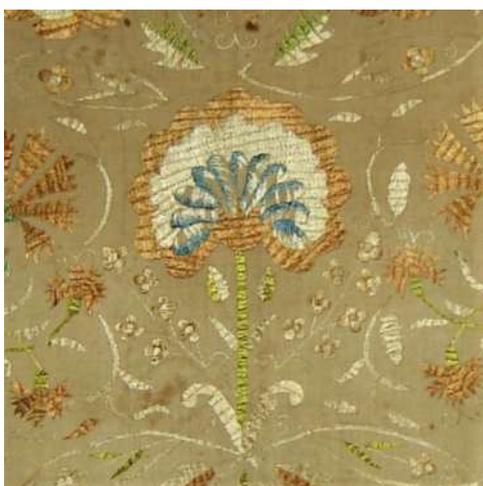


Bordado
Castelo
Branco



Papiros

Trata-se de uma flor que aparece com a forma de leque. Conhecem-se vários desenhos de papiro nas colchas e ante-camas de Castelo Branco.





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco

Peonias

São das poucas flores que não são bordadas a Ponto de Castelo Branco, antes a ponto de pena associado ou não a redes.



“Moinhos”

Na falta de melhor expressão, damos este nome a umas flores, cuja semelhança com os moinhos de papel ou vira ventos que as crianças tanto gostam de soprar é evidente.





Bordado
Castelo
Branco





Margaridas



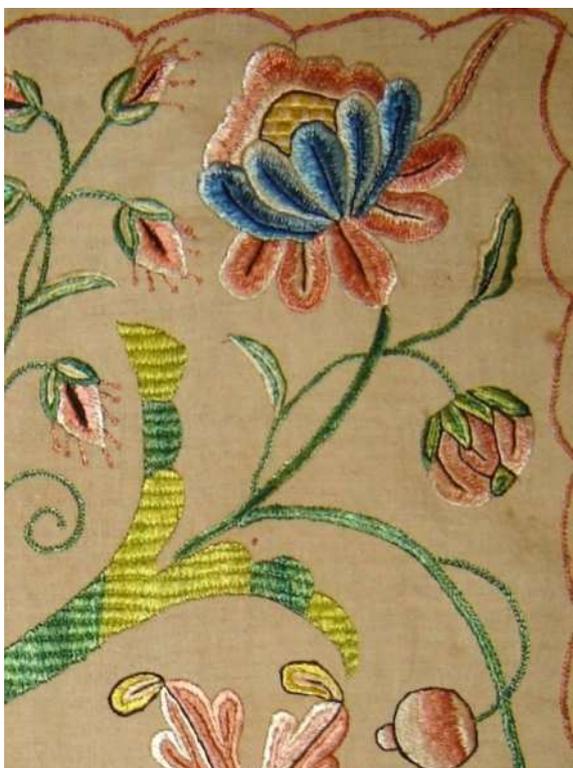
Outras flores

Neste grupo cabem flores identificáveis como flor-de-lis/lírios, crisântemos, papoilas, botões, alcachofras, miosótis, cardos e outras de desenho mais imaginativo.





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



Bolas, pinhas e frutos (romãs, figos, “três frutos”)



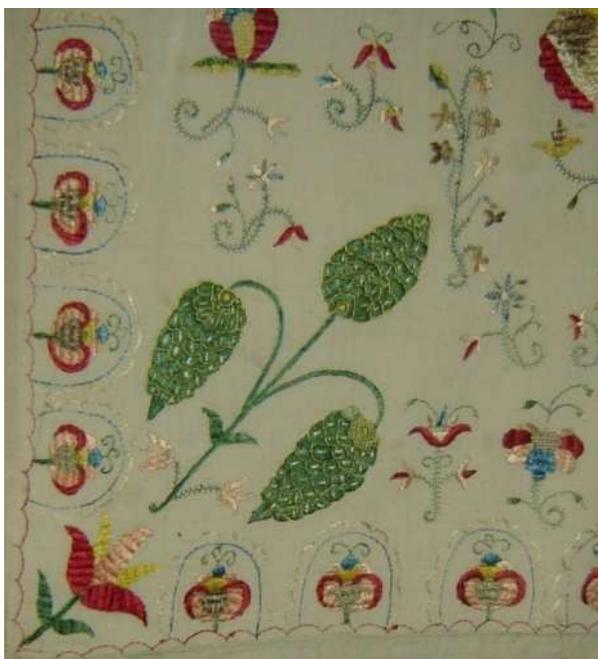


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



Enrolamentos, folhas, gavinhas e meandros

Como o nome o indica trata-se de elementos, quase sempre bordados em vários tons de verde,

- que organizam a apresentação de flores,
- que sugerem a diferenciação de uma barra ou
- que sublinham o centro.

As chamadas “colchas de meandros” podem-se ter originado a partir de enrolamentos que coalesceram definindo espaços fechados, umas cartelas de formas irregulares onde aparecem motivos variados. Neste caso os enrolamentos perdem a cor verde podendo ser bordados em qualquer tonalidade.







Bordado
Castelo
Branco



6.3.1.2. Motivos Figurativos

Aves e outros animais (papagaios, pavões, passarinhos, águias bicéfalas ,galos, gansos)





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



Figuras Humanas

No Bordado de Castelo Branco aparecem figuras humanas. Caracteristicamente posicionadas nos centros das Colchas, também se podem encontrar, como já foi dito, figuras de um ou de três cavaleiros nas bases do motivo “Árvore da vida”.

As figuras podem estar em pares (cavalheiro/dama, dama/dama, cavalheiro/cavalheiro) ou solitárias. O seu desenho, apesar de muito estilizado e não raro tosco, remete, no essencial, para o século XVIII, como o revelam os elementos do vestuário, do calçado ou dos penteados.

Os cavalheiros podem tocar instrumentos de cordas ou de sopro como um xofar, transportar pequenos ramos de flores ou mesmo uma só flor. Conhece-se um caso em que duas figuras masculinas, usando casaca e tricórnio, se encontram ajoelhados fazendo pontaria com uma espingarda.

Os cavalheiros vestem casaca, calças apertadas abaixo dos joelhos, sapatos de fivela e têm o cabelo comprido, atado atrás, por vezes tapado com um tricórnio. Alguns apresentam-se com uma espada.

As damas apresentam vestidos parcialmente tapados com anáguas, um traço distintivo do traje da nobreza nos séculos XVII e XVIII. Muitas evidenciam laços, flores ou rendas no cabelo (“fontange”), fios de ouro com pendentes ao pescoço e laços nos sapatos. Algumas seguram ramos de flores e muitas apresentam leques.





Bordado
Castelo
Branco









Bordado
Castelo
Branco



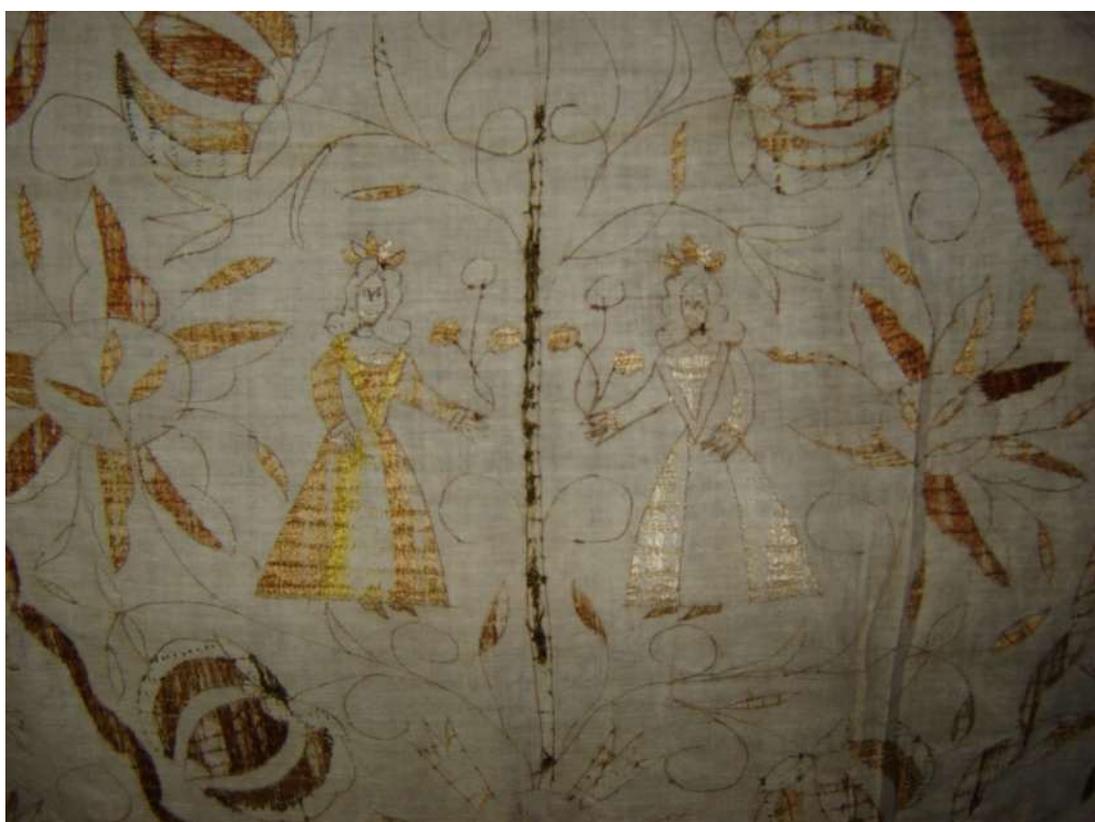


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco







Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco

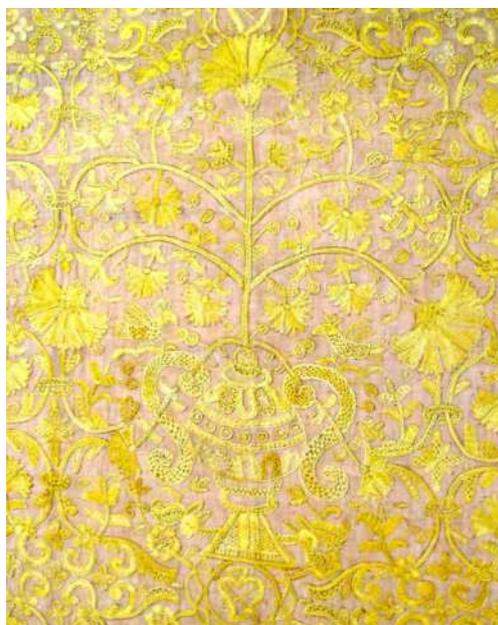


6.3.1.3. Outros motivos

Vasos e albarradas

As albarradas são vasos muito presentes nas artes Decorativas dos séculos XVII e XVIII. Trata-se de vasos com grande impacto decorativo donde saem arbustos ou ramos de flores.

Caracteristicamente encontram-se na base dos padrões do medalhão central, nos cantos ou no meio dos lados das Colchas. Mais pequenas, podem integrar os padrões das Colchas da Oficina de Lisboa, constituindo o elemento central e organizador dos padrões em faixa de azulejo.





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



Cartelas e Bandeirolas

As Cartelas são molduras de desenho característico que definem pequenos espaços decorados com elementos como aves, veados, flores ou mesmo rosáceas estilizadas.

Chamamos Bandeirolas às pétalas de cravos que aparecem em faixa a compor e a preencher o desenho, sobretudo nos cantos.





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



Encontram-se ainda, no Bordado de Castelo Branco, mas com expressão vestigial, motivos como corações, laços (a enfeitar as figuras humanas ou no seu vestuário), instrumentos musicais, leques ou cornucópias.

6.4.2 Centros

Nas colchas de Castelo Branco encontram-se centros de travessa, de moldura, de fita, ou formados a partir de elementos vegetais como folhas.

De início os centros mal se demarcam do campo ocupado com um denso padrão de faixas mas logo aparecem os **centros de travessa**. Com efeito o seu desenho lembra as travessas de loiça da época. De facto correspondem a uma estrutura delimitada por duas fitas paralelas, com aspecto canelado, que se acompanham em paralelo, definindo, no interior um espaço ocupado por decoração vegetalista e floral. No centro um ramo de flores sai de uma albarrada, que pode ter maior ou menor expressão, onde por vezes se encontra uma ave.

Um outro grupo de colchas apresenta **centros em moldura**. De facto o seu desenho lembra uma pesada moldura de talha, a madeira trabalhada com característicos concheados nos seus vértices. O espaço interno apresenta-se decorado com um ramo de flores que pode ou não sair de uma albarrada e onde por vezes pousa uma ave ou se encontram figuras humanas.

As colchas de Cravos Abertos apresentam **centros de fita**. Nos centros de fita, esta pode ser contínua, mas, o que é mais frequente, aparecem quatro fitas que se juntam nos quatro vértices, definindo um losango.

O espaço que estas fitas definem também se encontra ocupado por um ramo de flores, onde se pode ver uma ave (que pode mesmo ser um ganso de pescoço alto ou um pavão).

Figuras humanas também aparecem mas, ao contrário do que acontece nos centros de moldura, predominam cravos abertos acompanhados ou não por flores de lótus.

Estes centros mostram uma grande variedade de composições mas sempre com um ramo de flores que raramente sai de uma albarrada. Nestes ramos a presença de folhagens em tons de verde pode ser impressionante.

Algumas destas colchas de cravos abertos mostram centros em que as fitas são substituídas por folhas ou hastes de folhas e, nos exemplares considerados mais tardios, o centro, bem delimitado do campo, desaparece mesmo. Vê-se somente, na parte central da colcha, uma impressionante albarrada com um grande ramo rodeada por cravos.



Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



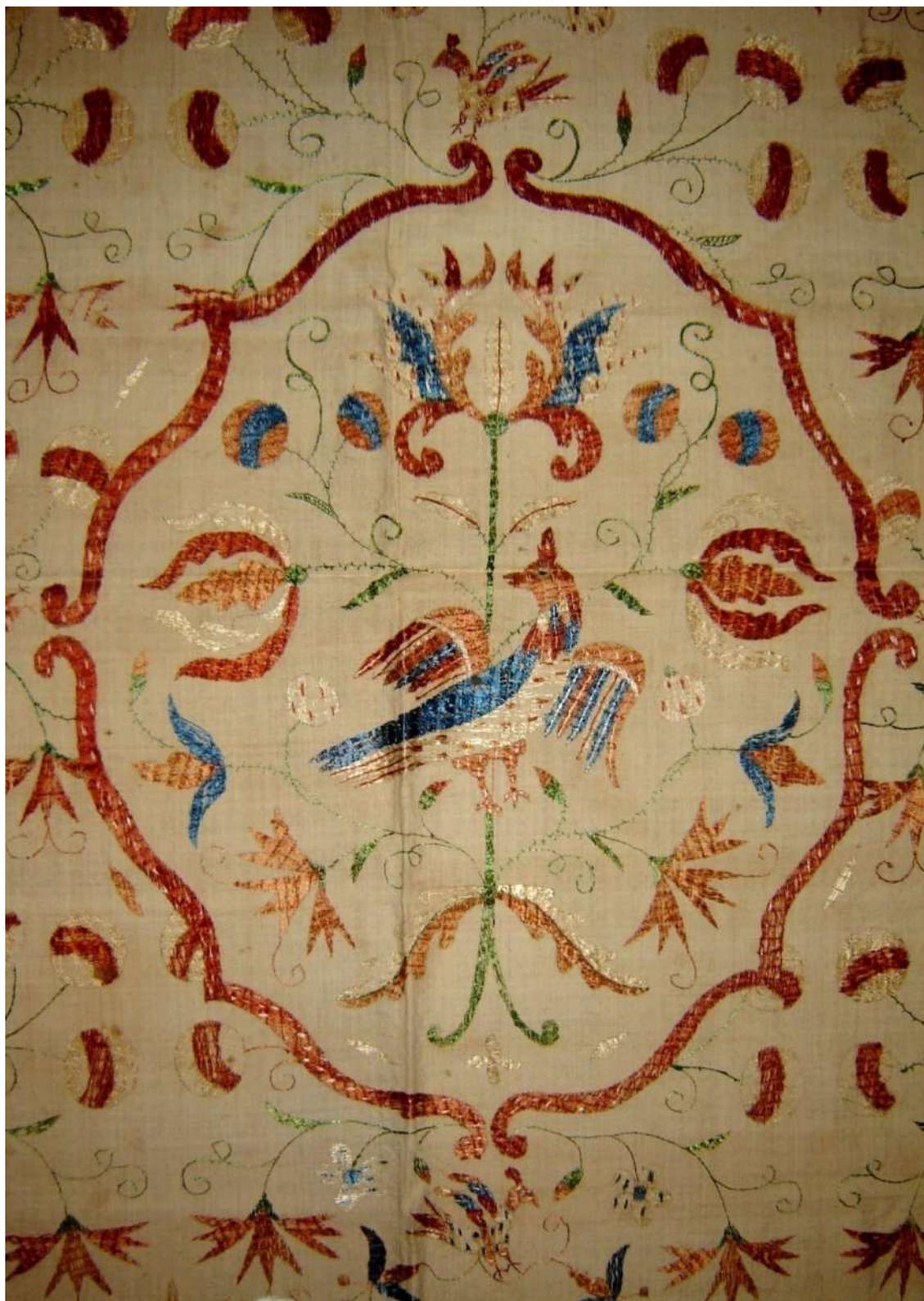


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



6.4.3 Cantos

Os cantos das Colchas de Castelo Branco divergem acompanhando as diferenças que já havíamos encontrado ao nível dos centros.

Assim nas colchas da Oficina de Lisboa, a geometria dos cantos segue os padrões densos dos campos de faixas como nos padrões de azulejos. Verifica-se sempre a existência de uma barra com 12 a 15 cm de largura que pode ser delimitada por uma ou duas cercaduras mais estreitas, ou mesmo só por linha mais ou menos espessa. No interior da barra e das cercaduras ondulam “silvas” que organizam motivos florais e vegetalistas.

Nas outras colchas podem-se ver ramos de flores que se inscrevem, quase sempre, na bissetriz do ângulo e cuja flor principal (um cravo, uma flor de lótus ou um papiro) abrem na direcção do centro, quase o tocando. Este ramo pode ou não sair de uma albarrada e pode ou não ostentar uma ave. As fotografias que se seguem dão uma ideia da variedade de cantos que se constituíram como os modelos das colchas produzidas no século XX.





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



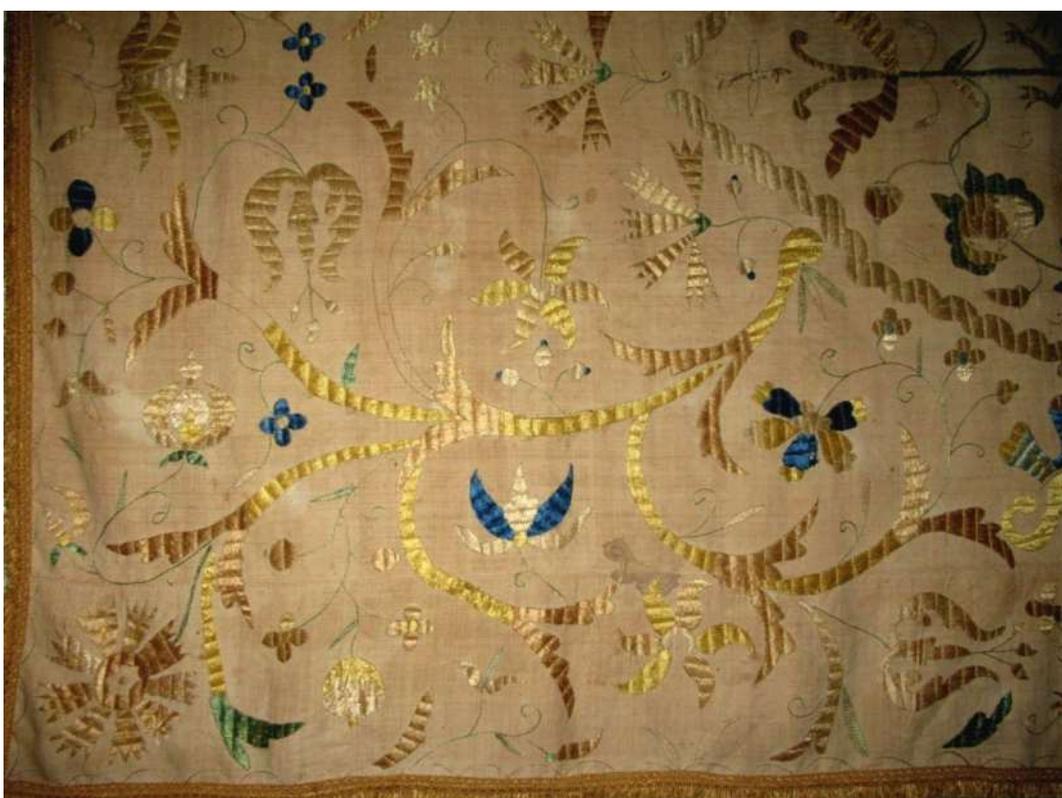


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



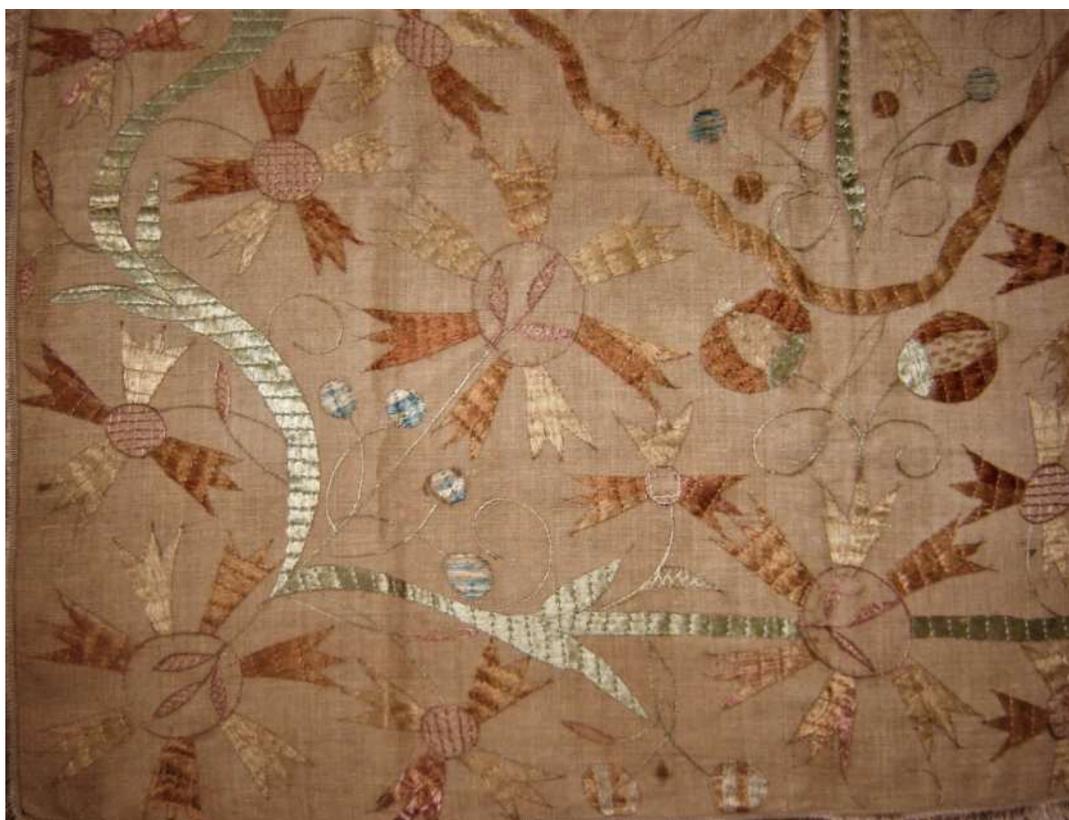


Bordado
Castelo
Branco



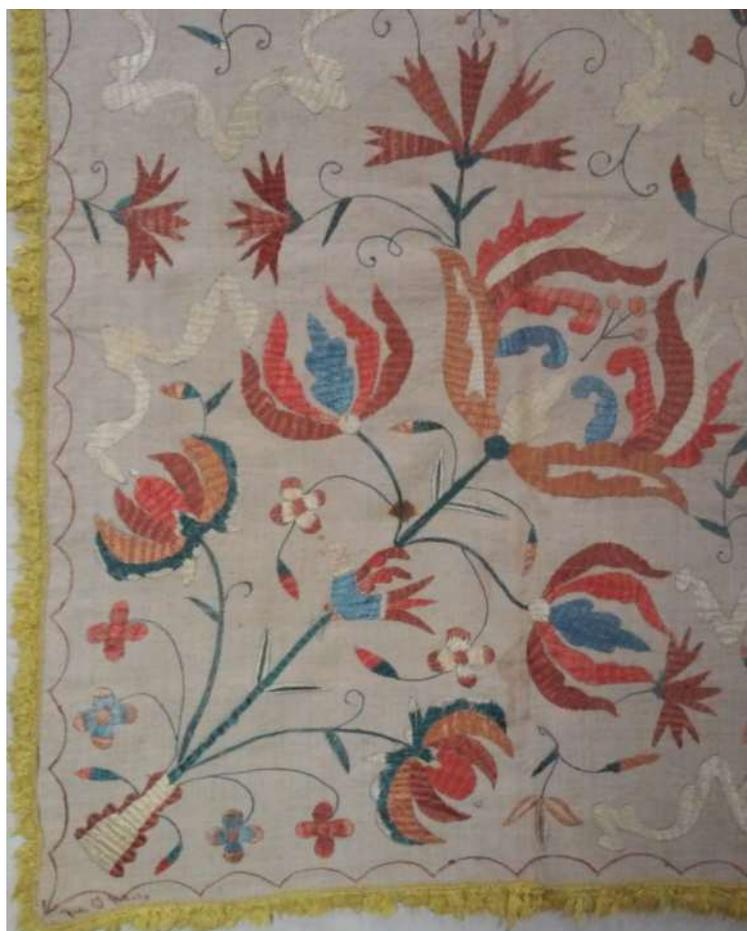


Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco





Bordado
Castelo
Branco



6.5. Tipologias das peças bordadas tradicionalmente

6.5.1 Colchas

As Colchas de Castelo Branco são peças bordadas com fio de seda natural, sobre linho, com largo predomínio do ponto largo, agora chamado Ponto de Castelo Branco, segundo desenhos cuja matriz remonta a colchas portuguesas do século XVII e XVIII.

Deve referir-se que, actualmente, é muito raro as Colchas serem usadas por cima de uma cama. De facto, quer as colchas históricas quer aquelas feitas no século XX, tornaram-se peças de aparato que distinguem e qualificam os seus possuidores pelo que são expostas onde causem mais efeito decorativo. Assim, as Colchas perderam a sua primitiva função, abandonando a intimidade dos quartos de dormir e passaram a ser expostas em paredes observáveis por quem visita uma casa.

Nas peças anteriores ao século XX verifica-se que às várias tipologias correspondem tamanhos diferenciados. Sendo as Colchas de Cravos Abertos as que ocorrem com mais frequência e aquelas que apresentam menores dimensões, parece adequado que somente se indiquem os limites mínimos para o tamanho das novas Colchas de Castelo Branco. Assim, julga-se adequado que as dimensões mínimas das Colchas sejam 180cmX130cm.

Todas as Colchas devem ser rematadas com franjas, as quais podem ser de seda ou de linho. Uma vez que a franja constitui um acabamento, a mesma não deve ter demasiada presença pelo que se aconselha que não ultrapasse os 3cm (característica observada nas colchas históricas) nas peças de maiores dimensões. Quanto mais pequena for a peça, mais estreita deve ser a respectiva franja.

A cor da franja deve corresponder sempre a uma das cores existentes na colcha. Tanto pode ser contrastante, como mais neutra, o importante é que a respectiva cor esteja presente no bordado da peça, nem que seja em pequenos apontamentos. No entanto, a franja dourada é sempre admissível.

6.5.2 Painéis

Os Painéis surgiram como forma de colocar no mercado peças com Bordado de Castelo Branco a um preço mais acessível.

O maior problema que colocam é a adequação dos desenhos às dimensões de cada painel, sendo de evitar a excessiva miniaturização dos padrões.

Este problema vai ser resolvido pois o presente Caderno de Especificações vai permitir a certificação do Bordado de Castelo Branco em peças com diversas dimensões, permitindo uma oferta mais variada e, simultaneamente, mais próxima dos motivos do Bordado de Castelo Branco.

7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

A inovação nas produções tradicionais que ganharam a sua característica imagem pelo facto de se manterem muito próximas da respectiva matriz, coloca acrescidos desafios. Inovação sempre houve, mas processou-se ao longo de muito tempo. Agora, no presente, as referências de uma determinada produção são vistas como um conjunto, é certo que compósito, mas que se apresenta como se tudo tivesse sido feito num mesmo momento. A distância temporal a que nos encontramos das origens da produção das Colchas que serviram de modelos para o Bordado de Castelo Branco faz com que tudo pareça ter a mesma idade, o que não foi o caso, surgindo agora a necessidade de se saber como processar as inovações que se entendem desejáveis e que o mercado exige.

Desde logo há que sublinhar a profunda e notória identidade dos motivos do Bordado de Castelo Branco.



Nunca será demais frisar este aspecto do Bordado de Castelo Branco, bordado ao qual se associam imagens fortemente icónicas, de tal modo que se identificam como tal, mesmo em suportes como a pedra da calçada ou a pastilha... quer isto dizer que o importante e o mais decisivo será sempre a qualidade e identidade dos motivos, cada qual bordado a seda natural nos pontos que lhes são próprios.

Em tempos recentes houve ocasião para inovações em bordados a seda natural que, mesmo utilizando quase em exclusivo o Ponto de Castelo Branco, dificilmente nos remetem para a tradição deste bordado e dificilmente se podem considerar Bordado de Castelo Branco. Falta-lhes a referência, a ligação à matriz iconográfica deste bordado.

Apresentam-se de seguida os parâmetros que irão balizar a inovação que se pretende sem que identidade e o reconhecimento do Bordado de Castelo Branco fiquem comprometidos.

7.1 – Peças

7.1.1. Colchas

Já se referiu que as Colchas de Castelo Branco se tornaram peças decorativas que, tipicamente, se expõem em paredes. Tendo em vista esta nova circunstância do seu uso, e considerando experiências feitas ainda nos anos 50 pela Casa-Mãe, considera-se aceitável a mudança da sua axialidade, passando as peças de verticais a horizontais. Assim aceitam-se peças cuja maior dimensão fica na horizontal, desde que o desenho esteja adaptado a essa nova condição.

Aceitam-se ainda, nesta tipologia, peças bordadas com o uso livre dos motivos na construção do padrão. Assim, nada impede que se borde uma colcha só com aves ou só com flores. Todavia, quanto mais inovador for o padrão, o desenho da colcha mais se deve recorrer à utilização dos motivos tradicionais das colchas históricas.

7.1.2 – Painéis e Fragmentos

Em sede de Certificação exigia-se aos painéis as dimensões mínimas de 100cmX75cm, de forma a acautelar a miniaturização do desenho, entendida como desqualificadora e menorizante. Foi então que, para se resolver a questão colocada com o tamanho dos painéis, se criou o conceito de “fragmento”, um bordado que copiava “partes representativas de uma colcha em escala real”. Pretendia-se assim criar a possibilidade de se apresentarem, para serem certificados, bordados significativamente mais pequenos, indo ao encontro da necessidade das bordadeiras terem para venda peças mais em conta. Esta exigência revelou-se de difícil aplicabilidade pois não existiam nem existem disponíveis desenhos a que aquelas pudessem recorrer. Igualmente, experiências levadas a cabo no Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, onde se bordaram vários fragmentos, ficaram aquém das expectativas, confirmando a dificuldade existente na operacionalização do conceito.

O contacto havido com as bordadeiras ao longo dos anos em que se tem vindo a certificar o Bordado de Castelo Branco evidenciou as suas notórias dificuldades. Enquanto entusiastas do processo de certificação viram-se confrontadas com exigências a que não conseguiam dar resposta.

7.1.3 – Outras peças

Na consideração de todos estes pressupostos e reconhecendo a profunda identidade dos motivos do Bordado de Castelo Branco, nomeadamente os seus cravos, “passarinhos” e “galrichos”, passa a ser certificável qualquer bordado, independentemente do tamanho e tipologia da peça em que esteja apostado.



Para além do vestuário, são passíveis de certificação novas tipologias de peças tais como as almofadinhas para o Menino Jesus, almofadas, pregadeiras, sacos de cheiro, bolsas, máscaras, monogramas, botões...



7.2 – Suportes

O suporte clássico é, como já foi dito o linho, aceitando-se, no entanto, o meio linho em que a teia é de algodão e a trama de linho. Igualmente a seda pode ser aceite, tal como acontece nas peças históricas.

Todavia, como inovação podem considerar-se outros suportes. Tal é o caso dos tecidos utilizados no vestuário decorado com Bordado de Castelo Branco. Repita-se: o que se está a certificar é o bordado e desde que este seja identificável, pelo desenho, pelo material e cor, pelo ponto utilizado, interessa pouco – no caso do vestuário – o tecido em que é bordado.

No domínio do têxtil lar, outros suportes têxteis serão admissíveis em peças como forras de edredon, almofadas, cortinados ou sanefas.



7.3 – Motivos

Os motivos podem, eles próprios ser objeto de inovação, mas que terá que ser muito controlada. Assim, admitem-se correcções e estilizações dos motivos mais característicos do Bordado de Castelo Branco, casos da Árvore da Vida, dos “passarinhos”, dos cravos e das figuras. Com imaginação é possível reinventar estes motivos sem que eles percam a sua ligação estilística à sua origem. A qualidade e identidade destas inovações são cruciais para a sua aprovação.



Conclusão

Motivos como aves, cravos, flores, cartelas, bordados a “Ponto de Castelo Branco” em seda são de tal modo identificáveis que ninguém tem dúvidas quanto à sua origem mesmo quando aparecem isolados ou bordados sobre fundos que não o branco.

Pela mesma ordem de razões e pelos problemas que se associam à obtenção das cores mais próximas da paleta original dos modelos, as quais ainda se encontram insuficientemente conhecidas, e dado o sucesso de experiências recentes no uso de cores menos canónicas, parece dever aceitar-se um uso mais livre da cor o qual, repita-se, dada a profunda identidade dos motivos do Bordado de Castelo Branco, em nada compromete o seu reconhecimento.

O processo de certificação do Bordado de Castelo Branco, mais do que certificar peças, **certifica o Bordado** que elas ostentam, pelo que o mais importante é que esse bordado seja de qualidade e identificável, reconduzido à beleza dos desenhos originais.

Face às solicitações do mercado parece vão, e mesmo contraproducente, estar a definir a tipologia de peças que podem ou não ter Bordado de Castelo Branco certificado. Importante é, naquilo que se borda, estar presente a **identidade do Bordado de Castelo Branco, traduzida nos seus motivos bordados a seda e em Ponto de Castelo Branco.**

Recomendação Final

Um dos maiores problemas com que se defrontam as bordadeiras de Castelo Branco diz respeito ao desenho.

Nunca será de mais repetir que não pode haver bom bordado sem um bom desenho.

Assim, depois de toda a recolha que enforma este Caderno de Especificações há que dar o passo seguinte e, tão depressa quanto possível, deve ser elaborado um Caderno de Desenhos, feito a partir das fotografias dos motivos bordados nas colchas antigas. Estes desenhos deverão ser feitos, eventualmente, corrigindo algumas das suas imperfeições mais notórias, tal como fez Clementina Carneiro de Moura em 1951.

BIBLIOGRAFIA

AAVV – *Bordado de Castelo Branco. Caderno de Especificações Técnicas*. 2ª Edição. Câmara Municipal de Castelo Branco. Castelo Branco, 2017.

AAVV - *Vida e Arte do Povo Português*, Lisboa, SPN, 1940, [desenhos de Paulo Ferreira].

ALARCÃO, Teresa, SEABRA CARVALHO, José Alberto - *Imagens em Paramentos Bordados. Séculos XIV a XVI*. Instituto Português de Museus, Lisboa, 1993.

ANTUNES, Maria Júlia - *Rendas e Bordados da Beira*. in *Actas do IV Congresso e Exposição Regional das Beiras*, Jaime Lopes DIAS (Org.). Castelo Branco, 1931.

ARRUDA, Luísa – *Bordado de Castelo Branco. Estética e Desenho*. In *Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar*. ADRACES. Castelo Branco, 2008.

CARDOSO, José Ribeiro - *O Problema da Sericicultura Nacional e a Exposição de Colchas de Castelo Branco*. in *Subsídios para a História Regional da Beira-Baixa*. J. Ribeiro CARDOSO (Org.). Vol. I, Tomo I, pg. 282 -310. Junta Provincial da Beira-Baixa. 1940.

CARDOSO, Ribeiro, CHAVES, Luís, MOURA, Maria Clementina Carneiro de; - *O "Bordado" e as Colchas de Castelo Branco*. Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1980.

CHAVES, Luís – *As Colchas de Castelo Branco*. in *Subsídios para a História Regional da Beira-Baixa*. J. Ribeiro CARDOSO (Org.). Vol. I, Tomo I, pg. 61-96. Junta Provincial da Beira-Baixa. 1940.

DIAS, José Lopes - *Apontamento breve sobre as colchas de seda de Castelo Branco, na história e no artesanato actual*. in *Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura*. Nº 17, pág. 5 e seguintes. 1 de Julho de 1965.

FERNANDINHO, Luísa Maria Almeida – *A Problemática das Colchas a partir dos Inventários dos Órfãos da Região de Castelo Branco*. in *Estudos de Castelo Branco. Revista de Cultura*. Nova Série, nº. 4 Janeiro Castelo Branco, 2005.

FERREIRA, M^ª. João P. - *A Presença da Temática Religiosa Cristã no Seio dos Paramentos Bordados Sinoportugueses*. in *Oriente*, nº 7, pág. 22 - 39. Fundação Oriente, Lisboa, Dezembro de 2003.

FERREIRA, M^ª. João P. - *Ganimedes e a Fortuna. Exemplos de Temáticas Mitológicas Clássicas em Peças Têxteis Bordadas Sinoportuguesas*. in *Oriente*, nº 12, pág. 90- 114. Fundação Oriente, Lisboa, Agosto de 2005,

FERREIRA, M^ª. João P. - *Os Paramentos Bordados Sinoportugueses no Contexto das Artes Decorativas do Barroco*. in *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, pág. 535-543. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

MAGALHÃES, Calvet de – *Bordados e Rendas de Portugal*, Coleção Educativa. Série N, nº 10 s/d (1956). Campanha Nacional de Educação de Adultos.

MAGALHÃES, M. M. Calvet de - *Bordados Portugueses in Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Ano IV, nº 24. Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. 1945.

MELO, Daniel - *A “cidade-símbolo” de Castelo Branco e o bordar da identidade beirã (século XX)*. In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008.

MENDONÇA, Maria José de - *Bordados indo-portugueses: novas aquisições do Museu de Lisboa*, in Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, Volume 3, nº1, Lisboa, 1955.

MOURA, Maria Clementina Carneiro de - *“Bordados Tradicionais de Portugal”*. Livro Âncora de Bordados, Nº1. s/d (1949).

MOURA, Maria Clementina Carneiro de – *As Colchas de Castelo Branco e o “Bordado”*. Mocidade Portuguesa Feminina. Lisboa, Natal de 1966.

MOURA, Maria Clementina Carneiro de – *Colchas de Castelo Branco in Arte Portuguesa. As Artes Decorativas*. Direcção de João Barreira, 2º vol. pp 217-284, Edições Excelsior. 1951.

MOURA, Maria Clementina Carneiro de - *Tapeçarias e Bordados. in A Arte Popular em Portugal*, vol. III, Direcção de Fernando de Castro Pires de Lima. Pg. 51 – 105. Editorial Verbo, 1968.

PACHECO PEREIRA, Teresa e ALARCÃO, Teresa - *Fábulas Bordadas. Uma colcha indo-portuguesa do século XVII*. Instituto Português do Património Cultural. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa, 1988.

PAIXÃO, Maria de Fátima – *Identificação e Caracterização das Matérias Primas: Linho e Seda*. In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008

PIRES, Ana - *Bordado de Castelo Branco. Elementos para uma Geografia.* In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008

PIRES, Ana – *Bordado de Castelo Branco. Emergência, Problemas e Perspectivas.* In Catálogo “Bordado de Castelo Branco”. Câmara Municipal de Castelo Branco. 2015.

PIRES, Ana – *Bordado em Portugal. Alguns pontos de uma história pouco conhecida.* in Os “lenços de namorados”. Frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação. DURAND, Jean-Yves (org.) 2007. Câmara Municipal de Vila Verde.

SALVADO, António - *Colchas de Castelo Branco (séculos XVII e XVIII) do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.* Secretaria de Estado da Cultura, 1986.

SALVADO, António – *Oficina – Escola de Bordados do Museu Tavares Proença Júnior e a Salvaguarda do Bordado Regional.* Separata de Actas de Colóquio sobre Artesanato. Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra/Instituto Português do Património Cultural. Coimbra, 1982.

SANTOS, Reynaldo dos – *As colchas bordadas.* in *Oito Séculos de Arte Portuguesa.* III volume. Pág. 193-224. Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa 1970.

SILVA, M^a Madalena de Cagigal e - *Alguns Bordados de Castelo Branco e Arraiolos em Coleções estrangeiras* in *Revista de Etnografia.* Museu de Etnografia e História. Junta Distrital do Porto. Vol. I, Tomo 2, 1963.

SOUSA VITERBO – *Documentos Sobre Várias Indústrias Portuguesas. Bordadores.* in *O Instituto.* Revista Científica e Literária. Volume 64^o. Imprensa da Universidade. Coimbra. 1917.

VIANA, Eurico Sales de – *As Colchas de Noivado.* Separata do Semanário “A Beira Baixa”, nº 121, de 5 de Agosto de 1939. Tipografia Portela Feijão. Castelo Branco, 1939.

AAVV – PONTOS. PT. Catálogo. Colchas de Castelo Branco e Tapeçarias de Portalegre. Ed. Câmara Municipal de Castelo Branco. Outubro de 2020.

VAZ PINTO, Clara – *Bordado de Castelo Branco. Catálogo de Desenhos. Colchas – I.* Instituto Português de Museus. Lisboa 1992.

VIEIRA, Ana Paula Pedroso das Neves – *Bordados Tradicionais Portugueses.* Tese de Mestrado de Design



Bordado
Castelo
Branco

e Marketing – Têxtil. Departamento de Engenharia Têxtil. Universidade do Minho. Policopiado. 2002.

VAZ PINTO, Clara - *Colchas de Castelo Branco*. Instituto Português de Museus /Fundo SILVIP. Lisboa, 1993.